

QUAL O TRATAMENTO PARA O SUJEITO AUTISTA?

HOW TO TREAT THE AUTISTIC SUBJECT?

Jean-Claude Maleval, da Université Rennes II

RESUMO

Para se construir, o autista, que recusa introduzir-se na alienação, é confrontado com uma dificuldade que pertence apenas à sua estrutura subjetiva: como tratar o gozo do vivo quando não se dispõe deste aparelho para mortificá-lo que o significante constitui? A esse respeito, os raros testemunhos de autistas de alto funcionamento que se engajaram no tratamento individual nos ensinam muito: eles podem ser encarados como um tipo de laboratório de estudo do seu funcionamento subjetivo. Sabe-se que a opinião dominante preconiza que se deve educá-los paparicando. Porém, não há justamente prática educativa que possa fazer a reserva de recorrer de maneira mais ou menos explícita à utilização do binário recompensa-punição. Que o autista tenha ciência desse binário, isso é um postulado que não é interrogado por quem deixa de lado a teoria do sujeito.

Palavras-chave: Autismo. Alienação. Testemunho. Práticas educativas.

КАК ОБРАЩАТЬСЯ С АУТИЧНЫМ СУБЪЕКТОМ?

КАК ЛЕЧИТЬ АУТИЧНОГО СУБЪЕКТА?

Жан-Клод Мальваль, Университет Ренн II

Аннотация:

Чтобы сконструировать себя, аутичный субъект, отказывающийся вступить в отчуждение, сталкивается с трудностью, относящейся только к его субъективной структуре: как обращаться с наслаждением живого, когда у него нет этого аппарата для умерщвления того, что означает означающее? В этом отношении многому нас учат редкие свидетельства людей с высокофункциональным аутизмом (HFA), прошедших индивидуальное лечение: их можно рассматривать как некую лабораторию для изучения их субъективного функционирования. Известно, что господствующее мнение ратует за то, чтобы воспитывать их баловством. Однако точно не существует образовательной практики, которая могла бы оставить более или менее явное обращение к использованию бинарного «поощрения-наказания». То, что аутичный человек знает об этой бинарности, является постулатом, который не подвергается сомнению теми, кто оставляет в стороне теорию субъекта.

Ключевые слова: Аутизм, Отчуждение, Свидетельство, Образовательные практики.

“Se eles não chegam a escutar o que vocês têm a lhes dizer”, afirmava Lacan a propósito dos sujeitos autistas, “é por conta de vocês estarem preocupados com isso.” (LACAN, 1985, p.21). Ninguém duvida, com efeito, que um querer [vouloir] demasiadamente afirmado no que diz respeito a eles acentua o seu retraimento. Logo de início, Asperger já havia observado que, para ser ouvido por eles, mais valia não se preocupar demais com isso: ele aconselhava falar “sem se aproximar deles pessoalmente”, com calma e sem emoção, “fingindo uma paixão desbotada.” (ASPERGER, 1998, p.69).

Contudo, a tendência do educador não é de se apagar: ele tem posse de um saber suposto a fazer o bem para o sujeito. Geralmente ele dispõe, no que concerne aos autistas, de uma teoria dos estádios de desenvolvimento aos quais ansiaria fazer com que a criança ascendesse. Talvez seja uma teoria do simbolismo aquilo que o incita a privá-la de seus objetos autísticos; ou, ainda, aquilo que o orienta talvez seja simplesmente uma idéia de normalidade. Essa última leva a admirável Mira Rothenberg¹, por exemplo, a se preocupar demasiadamente com Peter, na melhor das intenções, fazendo o que constitui, sem dúvida, o pior dos erros que um terapeuta de autista possa vir a cometer, a saber: pedir com insistência que ele tome uma posição de enunciação.

‘Durante semanas’, relata ela, ‘corrigi sua expressão oral, pedindo que pusesse um pouco mais de energia na voz - para ser vivaz [vivant] quando estiver falando, explicava eu’. Ela constata que ele ‘permanecia surdo’ ao seu conselho. Insistia, então, em tentar a mesma técnica com a leitura: pedia que lesse de uma forma vivaz. Alguma coisa nas minhas palavras deve tê-lo tocado”, relata ela. “Levei um pontapé nas canelas”. Entretanto ela não se desencorajou; e Peter, irritado, começou a ler “tal como batia - com energia e vitalidade”. Uma leitura assim não implica necessariamente o fato de ele ter engajado aí sua presença enunciativa - além do mais, não é uma expressão do seu próprio sentimento [ressenti] -, mas, sim, que ele percebe que era isso que não parava de lhe ser pedido. Ele fez esforços para satisfazer sua terapeuta.

«Если они не могут выслушать то, что вы хотите им сказать, — заявил Лакан по поводу аутичных субъектов, — это потому, что вы беспокоитесь об этом» (Лакан, 1975, Конференция в Женеве «Симптом», стр. 21). На самом деле никто не сомневается, что чрезмерно напористая воля [vouloir] по отношению к ним усиливает их уход. С самого начала Аспергер уже заметил, что для того, чтобы они были услышаны, лучше не слишком беспокоиться об этом: он советовал говорить «не приближаясь к ним лично», спокойно и без эмоций, «притворяясь угасшей страстью» (АСПЕРГЕР, 1998, стр. 69).

Однако тенденция педагога не исчезает: у него есть знания, которые должны принести пользу субъекту. Как правило, в отношении аутистов у него есть теория стадий развития, до которых он хотел бы довести ребенка. Возможно, именно теория символизма побуждает вас лишить его аутических объектов; или, возможно, то, что направляет вас, — это просто идея нормальности. Последнее приводит к тому, что замечательная Мира Ротенберг, например, слишком сильно беспокоится о Питере из лучших побуждений, совершая, несомненно, худшую ошибку, которую может совершить терапевт аутичного субъекта, а именно: настойчиво просить, чтобы он занял позицию высказывания.

«В течение нескольких недель, — сообщает она, — я исправляла его речь, прося придать голосу немного больше энергии — чтобы он был более бодрым[живым], когда она говорит, — объяснила я». Она отмечает, что он «остался глухим» к ее советам. Поэтому она настояла на том, чтобы применить ту же технику к чтению: она попросила его читать в оживленном ключе. «Что-то в моих словах, должно быть, тронуло его», — сообщает она. «Меня пнули по голени». Между тем, она не унывала; и Питер, раздраженный, стал читать «точно так, как полагается — с энергией и живостью». Такое прочтение не обязательно означает, что он занялся своим высказыванием, — более того, это не есть выражение его собственного ощущения [чувства], — но, да, он понял, что это то что от него просят. Он приложил усилия, чтобы удовлетворить своего терапевта.

Um dia, relata ela, leu-me uma história com uma força e uma animação que raramente havia visto nele antes. Eu exclamava:

— Formidável! Era isso que eu estava querendo dizer.

De repente ele voltou seus olhos para os meus aterrorizado. Siderada pela expressão que eu lia em sua face, balbuciei:

— O que foi, Peter? Ele urrou:

— Porque depois tem o cemitério!

— Depois do quê?

— Quando você está bem. Então, depois, há um beco sem saída e um cemitério.

Mira Rothenberg interpreta com pertinência essa última frase, supondo que ele queria dizer “que depois de se ter conhecido a vida, deve-se morrer.” Dar vida à linguagem é, para o autista, pôr-se a escutar o objeto angustiante do gozo vocal; mas está no princípio de sua estrutura subjetiva que ele não seja mortificado pelo significante, de tal modo que nada teria como ser mais angustiante para ele. A seqüência desse fragmento clínico exemplar confirma isso. Ela lhe comunicou o que havia compreendido da relação que ele estabelecia entre a vida e a morte. “Ele começou a tremer e a transpirar. Então correu para a janela, ficou totalmente mudo, retraído como se estivesse murchando e começou a contar [compter] - o que há muito tempo não fazia”. Sublinhemos o retorno do retraimento e de um mecanismo de proteção abandonado, o que testemunha fortemente a ressonância subjetiva do incidente. Evidentemente ele não persiste em seus esforços para mobilizar a enunciação: “inútil dizer”, comenta Rothenberg, “que seu modo de falar e de ler voltou mais monótono do que nunca.”

“Depois desse episódio”, prossegue ela, “Peter tentou me evitar. Disse para sua mãe que não queria que [eu] falasse [com ele]. [...] Para mim dizia: ‘Peter não quer que você vá com ele ao Dr. Goldstein’. Quando eu lhe perguntava o motivo, me respondia somente: ‘Porque Mira dirá ao Dr. Goldstein’. Eu interrogava: Dizer o que?; ele replicava invariavelmente: ‘Porque Mira sabe’, ou então ‘A verdade’”. Não teria ela se aproximado, com efeito, do mais próximo possível da verdade do autista, uma vez que não hesitou em lhe formular que sua angústia tinha origem na expressão do vivo?

O incidente da leitura teve uma profunda repercussão na sua relação. “Ele criou uma fissura entre nós”, relata Rothenberg, que a essa altura trabalhava com Peter já havia três anos, de tal modo que “demos, assim, marcha-ré durante mais ou menos seis meses”. Ela tentou interpretar o que se passava, dizendo “que fingia estar morto porque, talvez, tivesse verdadeiramente medo de morrer caso começasse a viver. Peter se afastou, então, de mim”, relata ela, “e tentou freqüentemente me fazer mal fisicamente, pois”, dizia ele, “‘Mira conhece a verdade’”. Em seguida, Rothenberg se sentiu um pouco “assustada com seu furor contra ela”; e imaginou, ainda que de forma confusa, que devia de ter cometido um erro - não escondendo que “se sentia muito culpada por sua atitude”, de tal modo que, durante os seis meses de frieza, tentou desesperadamente reatar o contato.

Однажды, рассказывает она, он прочитал мне рассказ с такой силой и оживлением, которые я редко видела у него раньше. Я воскликнула:

«- Потрясающе (Сногсшибательно)! Именно это я и хотела сказать.

Вдруг он в ужасе перевел взгляд на меня. Удивленная выражением, которое я прочла на его лице. Я пробормотала:

- Что такое, Питер? Он прошептал:
- Потому что потом будет кладбище!
- После чего?
- Когда ты цела. Значит, потом будет тупик и кладбище»

Мира Ротенберг метко интерпретирует эту последнюю фразу, предполагая, что она означает, «что после того как познал жизнь, человек должен умереть». Воплощение языка в жизнь для аутичного человека означает слушать мучительный объект звукового (вокального, голосового) наслаждения; но в принципе его субъективной структуры он не умерщвлен означающим, так что ничто не может быть для него более тягостным. Последовательность этого образцового клинического фрагмента подтверждает это. Она сообщила ему, что она поняла об отношениях, которые он установил между жизнью и смертью. «Он начал трястись и потеть. Потом подбежал к окну, совсем смолк, отстранился, как увядающий, и начал считать [подсчитывать] - чего давно уже не делал». Подчеркнем возвращение ухода (абстиненции*) и механизма защиты – отбрасывание (заброшенности), что убедительно свидетельствует о субъективном резонансе инцидента.

«После этого эпизода, — продолжает она, — Питер пытался меня избегать. Он сказал матери, что не хочет, чтобы [я] разговаривала [с ним]. [...] Мне он сказал: «Питер не хочет, чтобы ты шла с ним к доктору Гольдштейну». Когда я спросила его, почему, он только ответил: «Потому что Мира расскажет доктору Гольдштейну». Я спросила: Что расскажет? он отвечал только: «Потому что Мира знает» или «Правду». Разве она не подошла бы как можно ближе к истине аутиста, если бы, не колеблясь, сформулировала, что источник его страданий — в выражениях, непосредственных высказываниях (в выражении из живого)?

Инцидент с чтением оказал глубокое влияние на их отношения. «Он создал между нами раскол», — сообщает Ротенберг, которая к тому времени работала с Питером уже три года, так что «мы ходили туда-сюда около шести месяцев». Она пыталась интерпретировать происходящее, говоря: «что он притворялся мертвым, потому что, возможно, искренне боялся умереть, если начнет жить». Затем Питер отдалился от меня, — сообщает она, — и часто пытался причинить мне физический вред, потому что, — сказал он, — «Мира знает правду». Затем Ротенберг почувствовала себя немного «испуганной его яростью против нее»; и вообразила, хотя и смутно, что она, должно быть, совершила ошибку - не скрывая того, что она "чувствовала себя очень виноватой за свое отношение", так что в течение шести месяцев холодности она отчаянно пыталась восстановить контакт.

Esse fragmento clínico mostra que a devoção não basta para trabalhar com um sujeito autista, e que uma prática esclarecida pela abordagem psicanalítica permitiria orientar-se melhor. Entretanto, sabe-se que a opinião dominante preconiza que se deve educá-los paparicando. Porém, não há justamente prática educativa que possa fazer a reserva de recorrer de maneira mais ou menos explícita à utilização do binário recompensa-punição. Que o autista tenha ciência desse binário, isso é um postulado que não é interrogado por quem deixa de lado a teoria do sujeito; contudo, mesmo nos autistas verborrágicos, a aquisição do sentido do som se dá com dificuldade. Disso resulta que muitos vivem as punições como incompreensíveis; logo, injustificadas. Williams sabe melhor do que ninguém já que teve muito freqüentemente a experiência de que “o princípio da disciplina”, constata ela, “comete o erro grosseiro

de supor que o culpado se pergunta o porquê.” (WILLIAMS, 1996, p.41). Ora, para ela, em sua infância, as punições não significavam nada. Elas não tinham qualquer ligação lógica com as ações que eram supostas a repreender. Eu ignorava totalmente o que tinha feito. Ou melhor, tentava compreender com o que é que se pareceria uma “garota bem-comportada” para, então, poder imitá-la.

Этот клинический фрагмент показывает, что преданности недостаточно для работы с аутичным субъектом, и что практика, проясненная (просвещенная) психоаналитическим подходом, позволит лучше ориентироваться. Однако известно, что доминирующее мнение выступает за то, что их следует воспитывать, балуя. При этом не существует такой образовательной практики, которая могла бы зарезервировать использование, в более или менее явной форме, бинарной «награда-наказание». То, что аутист осознает эту бинарность, является постулатом, который не подвергается сомнению теми, кто оставляет в стороне теорию субъекта; однако даже у многословных аутистов овладение чувством звука происходит с трудом. В результате многие воспринимают наказание как непонятное и, следовательно, неоправданное. Уильямс знает об этом лучше, чем кто-либо другой, поскольку она часто сталкивалась с тем, что «принцип дисциплины, - отмечает она, - совершает грубую ошибку, предполагая, что виновный спрашивает себя, почему» (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 41). Для нее же, в ее детстве, наказания не имели никакой логической связи с теми действиями, которые были действиями, подлежащими порицанию. Я совершенно не понимала, что я сделала. Или скорее, я пыталась понять, как выглядит «хорошо воспитанная девочка», чтобы я могла подражать ей.

Muitas técnicas comportamentais, como nota Schopler, são empregadas espontaneamente pelos pais e educadores - em particular as reprimendas e o reforço positivo (SCHOPLER; REICHLER; LANSING, 2002, p. 122). Quando se pergunta a um autista de alto funcionamento, como Sean Barron², se ele pensa que esse método de gestão do comportamento teria podido ajudá-lo quando criança, recompensando as boas condutas e punindo as más, depois de ter lido as explicações do método, ele confirma o testemunho de Williams: “não vejo como teria podido funcionar. Eu estava pouco me lixando para recompensas e punições. Na realidade, eu não tinha vontade de nada, nem de coisas de comer; então, do que é que teriam podido me privar?” (BARRON e BARRON, 1993, p.315)

Por volta de cinco anos, Barron tinha uma regra, expressão subjetiva disso que é descrito como imutabilidade: não devia tomar água nos restaurantes. Deviam lhe servir bebidas das quais ele gostasse, como Coca-Cola - caso contrário, entrava numa cólera terrível. Seus familiares [proches] não entendiam porque os copos d’água faziam-no urrar. Um terapeuta - não tendo recebendo resposta alguma, quando perguntou por que é que ele havia feito aquilo - decidiu dar-lhe uma sova. “Jamais pensei que ele poderia me bater”, lembra-se Barron. “Nem cheguei a acreditar! É porque sou mau - pensava eu então. Papai e mamãe me batem, e agora também esse homem bizarro. Não via o que eu podia ter feito para que me batesse [...] Entretanto, ele tinha me punido por alguma coisa. A partir desse dia foi como se ele não existisse mais. Podia dizer o que fosse, eu me recusava a compreender. (BARRON e BARRON, 1993, p.91).

Ainda que tenha compreendido mal o sentido das palavras endereçadas a ele, a noção de punição vem dos golpes e da entonação enfurecida, mas permanece sem relação com seus atos; ele depreende disso apenas a sua maldade.

Outros autistas, tais como Grandin³ ou Sellin⁴, chegam a compreender desde a primeira infância o que lhes dizem, mas não podem responder, ainda que às vezes pronunciem algumas palavras. Não é fácil apreender - pelos métodos que, em nome da ciência, entendem não precisar de uma teoria do sujeito - que se trate de um impedimento ancorado no funcionamento subjetivo, e não numa má vontade.

Многие поведенческие приемы, как отмечает Шоплер, спонтанно используются родителями и воспитателями, в частности выговоры и положительное подкрепление (SCHOPLER; REICHLER; LANSING, 2002, стр. 122). Когда высокофункционального аутичного человека, такого как Шон Бэррон, спрашивают, считает ли он, что этот метод управления поведением мог бы помочь ему в детстве, поощряя хорошее поведение и наказывая плохое, то, после прочтения объяснений метода, он подтверждает показания Уильямс: «Я не понимаю, как это могло сработать. Мне было плевать на поощрения и наказания. На самом деле мне ничего не хотелось, даже еды; Так чего же они могли меня лишить?» (БАРРОН и БАРРОН, 1993, стр.315)

Примерно в пятилетнем возрасте у Бэррона появилось правило, субъективное выражение того, что описывается как неизменность: в ресторанах нельзя пить воду. Ему должны были подавать напитки, которые ему нравятся, вроде кока-колы, иначе он впадал в страшную ярость. Его родственники не понимали, почему стаканы воды заставляют его реветь. Один терапевт, не получив ответа на вопрос, почему он это сделал, решил отшлепать его. «Я никогда не думал, что он может ударить меня», — вспоминает Бэррон.

«Я не мог в это поверить! Это потому что я плохой - подумал я тогда. Папа и мама били меня, а теперь и этот странный мужчина тоже. Я не видел, что я мог сделать, чтобы он ударил меня [...] Однако он меня за что-то наказал. С того дня его как будто больше не существовало. Он мог сказать что угодно, я отказывался понимать (БАРРОН и БАРРОН, 1993, стр. 91).

Даже если он неправильно понял смысл обращенных к нему слов, понятие наказания исходит от ударов и гневной интонации, но остается не связанным для него с его действиями; он выводит из этого только свою злобу.

Другие аутичные люди, такие как Грандин или Селлин, с раннего детства понимают, что им говорят, но не могут ответить, даже если иногда произносят несколько слов. Это не легко постичь, - теми методами, которые во имя науки, считают, что нет необходимости в теории субъекта. Что это препятствие, укоренено в субъективном функционировании, а не в злой воле.

Muitas crianças autistas mostram-se hipersensíveis à menor das críticas de suas tentativas de aprendizagem, vividas como desencorajadoras e maldosas, pois não as compreendem. Na falta de poder simbolizá-las, elas vêm ao seu encontro como manifestação do gozo do Outro. As crianças sofrem, então, com o fato de serem designadas como seres maus - o que podem vir a ser, de fato, em momentos de violência, quando suas defesas não são respeitadas.

Por outro lado, o homem normal, no horizonte de todas as abordagens educativas, incita considerar como uma evidência que, para ajudar o autista, convém “tratar o apego não-adaptado aos objetos ou a adesão inflexível às rotinas quotidianas” (HEMSLEY et al., 1991, p.479). Uma abordagem orientada pela

psicanálise leva a desconfiar desses pressupostos - antes de mais nada, por razões éticas; mas também porque eles não levam em conta o trabalho de proteção contra a angústia em operação nessas condutas.

Многие аутичные дети сверхчувствительны к малейшей критике их попыток обучения, воспринимаемой как обескураживающая и грубая, поскольку они ее не понимают. Не имея возможности ее символизировать, они воспринимают ее как проявление наслаждения большого Другого. Таким образом, дети страдают от того, что их называют плохими существами, которыми они могут стать в моменты насилия, когда их защита не уважается.

С другой стороны, нормальность человека, в горизонте всех образовательных подходов, побуждает считать доказательством того, что для помощи аутисту удобно «лечить» неадаптивную привязанность к объектам или негибкое следование распорядку дня» (ХЕМСЛИ и др., 1991, стр. 479). Подход, направляемый психоанализом, приводит к недоверию этим предположениям — прежде всего по этическим соображениям; но также и потому, что они не принимают во внимание работу защиты от страданий, действующую в таком поведении.

Os trabalhos sobre a especificidade da sua inteligência - que comandam a maioria das estratégias educativas propostas para os autistas - são acompanhados, de modo geral, por um desconhecimento do funcionamento subjetivo. A maneira pela qual o binário recompensa-punição é recebido praticamente não é interrogada; a angústia inerente à enunciação não é levada em conta; a função de contenção do gozo própria dos objetos autísticos e do trabalho de imutabilidade é ignorada; a maneira bem particular pela qual o sujeito autístico se constrói não é sequer imaginada.

Por essas razões, e algumas outras, o tratamento psicanalítico do autista e a reeducação de sua deficiência [handicap] não se mostram compatíveis. Contudo, a criança autista não é um sujeito em condições de fazer uma demanda de análise. Acontece de ela se engajar num tratamento por conta da demanda de seus pais, contanto que ela tenha uma boa impressão [rencontre]; isso continua raro, e não dispensa que procurem para ela um ambiente apropriado a suas dificuldades específicas. Alguns pais chegam a criar um ambiente assim ao preço de sacrifícios consideráveis e de uma devoção sem limites. A abnegação de uma Clara Park (1972), de uma Judy Barron ou de uma Tamara Morar (2004) compelem à admiração. Aconteceu-me de encontrar anônimos que não fazem por menos. Consagrar-se a tirar seu filho do retraimento autístico se paga, contudo, com um pesado tributo no que diz respeito à vida social e profissional, de tal modo que tais práticas só podem continuar sendo excepcionais.

O tratamento mais apropriado com crianças autistas consiste, portanto, em procurar instituições advertidas de seu funcionamento subjetivo e organizadas em função dele. É o projeto que rege aquelas que se referem a uma variante da psicanálise aplicada nomeada por Jacques-Alain Miller como «la pratique à plusieurs»⁵ (DI CIACCIA, 2005, p.107-8). Ela implica que seja preservado um vazio central de saber, a fim de que a teoria da clínica não seja estancada e que a singularidade de cada criança possa contestá-la. Nesses lugares, as invenções do sujeito são acolhidas sem que sejam submetidas ao standard de um suposto conhecimento das etapas de um desenvolvimento típico.

Работа над спецификой своего интеллекта, которая управляет большинством образовательных стратегий, предлагаемых для аутичных людей, в целом сопровождается

недостатком знаний о субъективном функционировании. Способ получения двоичной системы «награда-наказание» в значительной степени не подвергается сомнению; тоска, присущая произношению, не принимается во внимание; функция сдерживания наслаждения, присущая аутичным объектам, и работа с неизменностью игнорируются; тот самый особый способ, которым конструируется аутичный субъект, даже не воображается.

По этим и некоторым другим причинам психоаналитическое лечение аутиста и перевоспитание его инвалидности несовместимы. Однако аутичный ребенок не является субъектом, который может требовать проведения анализа. Случается, что его привлекают к лечению по требованию родителей, при условии, что он производит хорошее впечатление; это бывает редко, но не освобождает их от необходимости искать для него среду, соответствующую его специфическим трудностям. Некоторым родителям удается создать такую среду ценой значительных жертв и безграничной преданности. Самоотречение Клары Парк (1972), Джуди Баррон или Тамары Морар (2004) вызывает восхищение. Я сталкивался с анонимными людьми, которые делают это не за меньшие деньги. Посвящение себя выведению ребенка из аутичной абстиненции оплачивается, однако, тяжелой платой в социальной и профессиональной жизни, так что такая практика может оставаться только исключительной.

Поэтому наиболее подходящее обращение с аутичными детьми заключается в поиске учреждений, знающих их субъективное функционирование и организованных в соответствии с ним. Это проект, которым руководствуются те, кто обращается к варианту прикладного психоанализа, названного Жаком-Аленом Миллером «la pratique à plusieurs» («практика с несколькими», «для немногих»?) (DI CIACCIA, 2005, стр.107-8). Это подразумевает, что сохраняется центральная пустота знания, чтобы теория клиники не застаивалась, и чтобы своеобразие каждого ребенка могло бросить ей вызов. В этих местах изобретения субъекта принимаются, не подчиняясь стандарту предполагаемого знания о стадиях типичного развития.

A CURA FREUDIANA COM MARY: ILUSTRAÇÃO DA VERDADE

Para se construir, o autista, que recusa introduzir-se na alienação, é confrontado com uma dificuldade que pertence apenas à sua estrutura subjetiva: como tratar o gozo do vivo quando não se dispõe deste aparelho para mortificá-lo que o significante constitui? A esse respeito, os raros testemunhos de autistas de alto funcionamento que se engajaram no tratamento individual nos ensinam muito: eles podem ser encarados como um tipo de laboratório de estudo do seu funcionamento subjetivo.

Dos 17 aos 19 anos, na Austrália, Donna Williams consultou regularmente uma psiquiatra cuja prática era orientada pela psicanálise, e que soube ganhar sua confiança. Esse contato foi importante: ela exerceu uma influência sobre sua “vida mental como ninguém, desde Carol, jamais havia feito” (WILLIAMS, 1996, p.163). Essa última, uma garota encontrada uma única vez, por volta da idade de cinco anos, foi o espelho no qual ela achou o alicerce de um de seus dois amigos imaginários - que nomeou Carol, justamente. Graças a ela, criou para si um eu [moi] diferente daquele que estava paralisado e entravado pelas emoções. Isso virou mais que um jogo, mais que uma comédia. Era minha vida, na qual devia eliminar o que aparentava emoções pessoais e, ao mesmo tempo, fazer Donna desaparecer (WILLIAMS, 1992, p.42).

A terapia com Mary inscreveu-se nessa filiação: ela se tornou o suporte de um novo duplo. Ela foi, escreve Williams, “o reflexo mais bem adaptado, mais cordial que eu jamais teria vindo a ser”. Um duplo encarnado, tanto que Mary apresenta a vantagem sobre os amigos imaginários - Carol e Willie - de poder produzir efeitos de sugestão. Ela não falhava [n’y manqua pas], de tal modo que Williams tirou alguns proveitos desse tratamento.

O comportamento de seus amigos imaginários, encarnados alternadamente em sua vida social, viu-se pacificado: “de carcereiro, Willie se tornou psi. De menina de rua, Carol se tornou uma mulher elegante”. Além disso, Mary lhe ensinou “descomunamente a agir e a pensar como ela”. Donna chegou mesmo a pensar em se tornar psiquiatra. Mary incitou-a a retomar os estudos, tanto que, no final do tratamento, para parecer com sua terapeuta, ela entrou na Universidade. Todavia, Williams considera que esse tratamento fracassou em modificar o seu funcionamento subjetivo: não a ajudou a “tornar-se ‘real’”, ela continuou a fugir de seu eu” [moi], a “esconder-se por detrás de um psi” (WILLIAMS, 1996, p.55). Que Mary tenha acreditado na sua capacidade de seguir os estudos universitários permitiu que Donna acreditasse, e que os levasse a cabo, mas sobretudo pelo intermédio de encarnações de Willie - seu duplo que tinha senso de responsabilidade e era “um universitário nato” (WILLIAMS, 1992, p.196).

ФРЕЙДИСТСКОЕ ЛЕЧЕНИЕ С МЭРИ: ИЛЛЮСТРАЦИЯ ИСТИНЫ

Чтобы сконструировать себя, аутичный субъект, отказывающийся от отчуждения, сталкивается с трудностью, относящейся только к его субъективной структуре: как относиться к наслаждению от жизни, когда у него нет этого средства умерщвления того, что конституирует означаемое? В этом отношении многому нас учат редкие свидетельства высокофункциональных аутистов, прошедших индивидуальное лечение: их можно рассматривать как некую лабораторию для изучения их субъективного функционирования.

С 17 до 19 лет в Австралии Донна Уильямс регулярно консультировалась с психиатром, чья практика основывалась на психоанализе и который знал, как завоевать ее доверие. Этот контакт был важен: она оказала влияние на его «душевную жизнь, как никто со времен Кэрл» (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 163). Последнее, с которым девочка познакомилась лишь однажды, в возрасте около пяти лет, было зеркалом, в котором она нашла основу одной из двух своих воображаемых подруг, которую она правильно назвала Кэрл. Благодаря ей она создала для себя самость [moi], отличную от той, которая была парализована и стеснена эмоциями. Это стало больше, чем игра, больше, чем комедия. Это была моя жизнь, в которой я должна была устранить то, что казалось личными эмоциями, и в то же время заставить исчезнуть Донну (УИЛЬЯМС, 1992, стр. 42).

Терапия с Мэри была частью этого присоединения: она стала опорой нового двойника. Она была, как пишет Уильямс, «наиболее адаптированным и сердечным отражением, которым я когда-либо мог быть». Воплощенный двойник настолько, что у Мэри есть преимущество перед ее воображаемыми друзьями — Кэрл и Вилли — в том, что она может производить эффект внушения. Она не подвела [n’y manqua pas], так что Уильямс выиграла от такого обращения.

Поведение ее воображаемых друзей, попеременно воплощавшихся в ее общественной жизни, умиротворяло: «из тюремщика Вилли стал пси (пси-практик?). Из уличной девушки Кэрл превратилась в элегантную женщину». Кроме того, Мэри научила его «необщительно действовать и думать, как она». Донна даже подумывала стать психиатром. Мэри настолько уговаривала ее возобновить учебу, что в конце лечения, чтобы походить на своего терапевта, она поступила в университет. Однако Уильямс считает, что это лечение не смогло изменить ее субъективное функционирование: оно не помогло ей «стать

«настоящей(реальной)», она продолжала убегать от себя» [moi], «прятаться за пси» (УИЛЬЯМС, 1996 стр. 55). То, что Мэри верила в свою способность продолжать учебу в университете, позволяло Донне верить и проводить ее, но в основном через воплощения Вилли — ее двойника, который обладал чувством ответственности и был «прирожденным студентом университета» (УИЛЬЯМС, 1992, стр. 196).

A tese segundo a qual a transferência do autista seria profundamente destrutiva não se deixa confirmar aqui. Williams aponta que tinha confiança em Mary porque ela “a tinha aceitado como ela era”, não tentando reeducá-la, e porque era profundamente apegada a ela. No fim de dois anos, o tratamento consumou-se numa amizade recíproca. É preciso, sobretudo, sublinhar que ela buscou tornar sua ligação duradoura, integrando Mary ao seu próprio universo. Contudo, essa construção imaginária não se operou alcançando Donna, a integração se fez por intermédio de Willie: ele começou a se tornar, como Mary, “um artifício de força sereno e de domínio [maîtrise] de si.” (WILLIAMS, 1992, p.189). Em poucas palavras, os efeitos desse tratamento de inspiração freudiana, efetuado frente a frente, por uma psiquiatra que parece tê-la considerado como esquizofrênica, foram os de uma psicoterapia de apoio. Educou as encarnações egóicas [moïques], particularmente Willie, num sentido satisfatório para Williams; só que ela esperava mais. O tratamento fracassou em modificar sua posição subjetiva, deixando-a em um funcionamento que implica o recurso a uma encarnação de seus duplos para se adaptar socialmente, o que ela vive como doloroso e mutilador.

Entretanto, ao incitar Williams a procurar a causa de seus problemas em sua história, Mary chegou a beirar o mais perto da verdade de Donna. Um traumatismo que ela situa por volta dos três anos de idade, quando acreditou que seu avô havia morrido. “Ainda me vejo”, escreve ela, “procurando meu avô, em vão, com os olhos. Era nesse triste estado de nostalgia inacessível que me pus perto de sua cama, quando acreditei que estivesse morto. É o tipo de estado mental a que você se presta, quando um fantasma [fantôme] vem falar com você” (WILLIAMS, 1992, p.172). Esse traumatismo fundador ilustra [met en image] a perda de um ente querido, na qual o Outro ainda não morreu, mas é inatingível. O olhar de Donna se perde no vazio, como o apelo [appel] de Marie-Françoise na janela aberta (LEFORT: LEFORT, 1980, p.277) - para ambas, o Outro está ausente. A tentativa de reatar um laço com o Outro, operada por Donna Williams durante o tratamento com Mary, quando ela endereça a fala a um homem que considera ser seu “novo avô”, reatualiza esse trauma específico.

Тезис о том, что перенос аутиста был бы глубоко деструктивным, здесь не подтверждается. Уильямс указывает, что она доверял Мэри, потому что она «приняла ее такой, какая она есть», не пытаясь перевоспитать ее, и потому что она была глубоко привязан к ней. По прошествии двух лет лечение завершилось взаимной дружбой. Необходимо, прежде всего, подчеркнуть, что она стремилась сделать их связь прочной, интегрируя Мэри в свою собственную вселенную. Однако эта воображаемая конструкция не сработала, достигнув Донны, интеграция была осуществлена через Вилли: он начал становиться, как и Мэри обладать, «искусством безмятежной силы и мастерства [maîtrise] над собой» (УИЛЬЯМС, 1992, стр. 189). Короче говоря, эффект от этого вдохновленного Фрейдом лечения, проведенного лицом к лицу психиатром, которая, кажется, считала ее шизофреником, был эффектом поддерживающей психотерапии. Она воспитывал эгоические [moïques] воплощения, особенно Вилли, в смысле, который удовлетворял Уильямс; только она ожидала большего. Лечение не помогло изменить ее положение субъективным, оставляя

ее в состоянии, предполагающем обращение к воплощению своих двойников для социальной адаптации, что она воспринимает как болезненное и калечащее.

Однако, убеждая Уильямс искать причину своих проблем в ее рассказе, Мэри максимально приблизилась к правде Донны. Травма, которую она получила (была нанесена) примерно в трехлетнем возрасте, когда считала, что ее дедушка умер. «Я до сих пор вижу себя, — пишет она, — тщетно ищущую глазами дедушку. Именно в том грустном состоянии недоступной ностальгии я оказалась возле его кровати, когда думала, что он умер. Это то психическое состояние, которому вы подвергаетесь, когда призрак [фантом] приходит поговорить с вами» (УИЛЬЯМС, 1992, стр. 172). Этот основополагающий травматизм иллюстрирует [met en image] потерю любимого, в которой Другой еще не умер, но недостижим. Взгляд Донны теряется в пустоте, как обращение [аппелль] Марии-Франсуазы к открытому окну (ЛЕФОРТ: ЛЕФОРТ, 1980, с.277) - для обоих Другой отсутствует. Попытка восстановить связь с большим Другим, предпринятая Донной Уильямс во время лечения Мэри, когда она обращается с речью к человеку, которого считает своим «новым дедушкой», повторно актуализирует эту специфическую травму.

“Bom dia, disse eu timidamente, em um esforço de sair de mim mesma” - sublinhemos que aí é ela mesma, Donna, quem fala, e não um de seus duplos; ela tenta tomar, “timidamente”, uma posição de enunciação. Mas o Outro não cessa de estar ausente. “Ele partiu sem dizer uma palavra”. Segue-se imediatamente uma crise de angústia intensa. Ela desaparece, sua percepção se desestrutura, se atira na frente de um carro, procura refúgio junto a Mary num hospital psiquiátrico.

Mary procura analisar as razões de seu pânico perguntando em que é que o velho homem lhe tinha feito pensar. “Ela estava começando a ir longe demais”, aponta Williams, que busca primeiramente minimizar o incidente, dizendo que tinha simplesmente se desiludido com a indiferença desse homem. A terapeuta insiste, quer remexer o seu passado. Williams comenta: “Ela se aproximou do fundo. Bem perto. Não, eu não podia, eu não queria me perder entregando-lhe a solução, o segredo de minha existência. Pois bem. Sim, ele tinha me lembrado meu avô. Estava dito. Donna foi traída, descoberta, e ela começou a soluçar. Seu choro era patético. Mas não se podia sequer consolá-la, ela recusava que a tocassem.”

«Доброе утро», — сказала я робко, в стремлении выйти из себя» — подчеркнем, что здесь говорит сама Донна, а не один из ее двойников; она пытается занять «робкую» позицию высказывания. Но Другой не перестает отсутствовать. «Он ушел, не сказав ни слова». Сразу следует приступ сильного беспокойства. Она исчезает, ее восприятие ломается, она бросается под машину, вместе с Мэри ищет убежища в психиатрической больнице.

Мэри пытается проанализировать причины ее паники, спрашивая, о чем заставил ее задуматься старик. «Он начал заходить слишком далеко», — отмечает Уильямс, которая в первую очередь стремится преуменьшить значение инцидента, говоря, что она просто разочаровалась в безразличии этого человека. Терапевт настаивает, она хочет всколыхнуть ее прошлое. Уильямс комментирует: «Он подошел ко дну. Очень близко. Нет, я не могла, я не хотела потерять себя, давая ему разгадку, секрет своего существования. Ну тогда. Да, он напомнил мне моего дедушку. Было сказано. Донну предали, узнали, и она зарыдала. Ее плач был жалким. Но ты даже не мог утешить ее, она отказалась от прикосновений».

O avô foi a primeira pessoa que soube se fazer admitir no mundo de Donna; o primeiro objeto humano cuja perda lhe foi dilacerante. A emergência de uma fala de Donna, sem passar pelos duplos, suscitada pelas investigações de Mary, é dolorosa: ela rompe seu sistema de defesas, não alivia a angústia. A escrita em primeira pessoa, “ele tinha me lembrado meu avô”, pula para a terceira pessoa, “Donna foi traída”.

Contudo, essa última se protege mais ainda: não deixa Mary penetrar na verdade derradeira, aquela na qual a estrutura autística se enraíza; aquela que levou o sujeito a morrer para “o mundo”. Ela continua: “Mary evocou comigo a morte de meu avô, sua morte efetiva. Eu me abstive de mencionar a verdadeira chave do enigma: ele tinha sido morto por mim bem antes, como todos os outros, quando Donna tinha três anos e quando Willie começou, com raiva, a olhar as pessoas direto nos olhos; e quando Carol tinha saído do espelho para acalmá-los.”

Дедушка был первым человеком, сумевшим впустить себя в мир Донны; первый человеческий объект, потеря которого была для нее душераздирающей. Появление речи Донны, не пройдя через двойников, спровоцированных расследованиями Мэри, болезненно: оно прорывает ее защитную систему, не облегчает ее тоску. Высказывание от первого лица «он напомнил мне моего дедушку» переходит к третьему лицу: «Донне изменили».

Однако последняя еще больше оберегает себя: она не дает Мэри проникнуть в истину в последней инстанции, ту, в которой коренится аутистическая структура; ту, которая привела субъекта к смерти за «мир». Она продолжает: «Мэри вспомнила вместе со мной смерть моего деда, его фактическую смерть. Я воздержалась от упоминания настоящего ключа к загадке: он был убит мной задолго до этого, как и все остальные, когда Донне было три года и когда Вилли начал в гневе смотреть людям прямо в глаза; и когда Кэрол вышла из зеркала, чтобы их успокоить».

Williams situa retrospectivamente a emergência de seu funcionamento autístico por volta dos três anos - de fato, a emergência daquilo que ela pode conceber. Ela o situa no momento em que começou a construir seus duplos. Ora, ela correlaciona esse funcionamento à morte de seu avô, que, entretanto, ainda era vivo - ele só morreu dois anos mais tarde. A cena do avô sobre a cama ilustra sua relação com o Outro: ele se ausentou, mesmo que ainda estivesse vivo. O Outro do autista não está totalmente ausente: é, diz ela, um “fantasma”. Imagem inquietante, feita justamente para encarnar o Outro real. Um fantasma que convém, sem dúvida, não acordar e correr o risco de encontrar. O autista não ignora que, para além dos duplos protetores, um Outro que goza [jouisseur] se sustenta. Um Outro que, como o próprio sujeito, não cede ao gozo.

Williams sublinha que seu olhar não vai mais de encontro ao do avô. Ela pode olhá-lo, mas não pode fazer-se ver: a pulsão escópica não tem a possibilidade de contornar um objeto situado no campo do Outro. Aí se esconde a verdade derradeira: que nada falta ao sujeito autista; que ele permanece intacto

quanto ao gozo. O que Williams expressa nos seguintes termos: “é a esperança que havia matado Donna” - ou seja, sobretudo não esperar nada, pois é doloroso demais. Acrescenta: “Ela que não tinha nada, coisa alguma capaz de saciar [comblar] seus desejos e suas imaginações”. Todo objeto seria decepcionante, só um gozo infinito poderia satisfazê-la [satisfaire].

Quando seus duplos sobem à cena do mundo, Donna se faz ausente e os outros são correlativamente afastados a uma distância inatingível. “Todo mundo estava morto quando Donna desapareceu, escreve ela, mas ninguém havia notado. Muito pelo contrário, as pessoas que tinham contato com Carol ou Willie acreditavam que ela tinha, enfim, vindo à vida” (WILLIAMS, 1992, p. 175).

Уильямс ретроспективно относит появление ее аутистического функционирования примерно к трем годам — действительно, появление того, что она может себе представить. Она помещает его в тот момент, когда она начал строить своих двойников. Теперь она связывает это функционирование со смертью дедушки, который, впрочем, был еще жив — он умер только через два года. Сцена дедушки на кровати иллюстрирует ее отношения с большим Другим: его не было, хотя он был еще жив. Аутичный большой Другой не отсутствует полностью: это, по ее словам, «призрак». Тревожный образ, созданный именно для воплощения реального большого Другого. Призрак, с которым, без сомнения, не следует просыпаться и рисковать столкнуться с ним. Аутичный человек не игнорирует, что, помимо двойных защитников, большой Другой, который наслаждается [jouisseur (фр.) – наслаждающийся], поддерживает себя. Большой Другой, который, как и сам субъект, не поддается наслаждению.

Уильямс подчеркивает, что ее взгляд больше не встречается со взглядом деда. Она может смотреть на него, но не может сделать себя видимой: у скопического влечения нет возможности обойти объект, находящийся в поле большого Другого. В этом заключается абсолютная истина: аутичный субъект ни в чем не нуждается; что он остается нетронутым в отношении наслаждения. Что Уильямс выражает в следующих выражениях: «именно надежда убила Донну» — то есть, прежде всего, ни на что не надеяться, так как это слишком болезненно. Она добавляет: «Та, у которой не было ничего, ничего, что могло бы насытить [comblar] ее желания и ее фантазии». Каждый объект был бы разочаровывающим, только бесконечное наслаждение могло бы удовлетворить ее [satisfaire].

Когда ее двойники поднимаются на мировую арену, Донна отсутствует, а остальные соответственно отталкиваются на недостижимое расстояние. «Все были мертвы, когда Донна исчезла, — пишет она, — но никто этого не заметил. Наоборот, люди, имевшие контакт с Кэрол или Уилли, верили, что они наконец-то ожили» (УИЛЬЯМС, 1992, с. 175).

Um ponto que Williams não explicita permanece obscuro, verdade talvez ainda mais escondida, mesmo para o leitor de sua autobiografia: por que matou seu avô dois anos antes de sua morte? Ela relata ter sido confrontada a isto: “Um dia em que tinha acabado de encontrá-lo, escreve ela, ele não notou minha presença. Estava estendido no canto, o rosto marmoreado e arroxado. Vovô não se levantou nunca mais. Eu nunca o perdoei, ao menos até meus vinte e um anos, quando descobri bruscamente que as pessoas não dão um jeito, intencionalmente, de morrer. Então chorei e chorei, cada dia mais. (WILLIAMS, 1992, p. 24).

Depreendemos, com isso, que ela ficou brava com a sua morte por ele ter morrido intencionalmente. Mas não é aí que está o essencial - podem admitir Mary e o leitor. Há pior: ela já o havia matado. Mas por quê? Porque anteriormente à morte real de seu avô situa-se a cena em que havia acreditado que ele estivesse morto. Dor dilacerante, abominável. Tanto que ela decidiu - sem sequer poder formular-se isso, sem dúvida - afastar-se de todo sentimento, a fim de nunca mais provar um sofrimento como aquele⁶. Apareceu o que comanda seu funcionamento subjetivo: governar [maîtriser] totalmente as emoções, afastando-se delas. Ela escuta mais tarde, aliás, “uma voz interior”, lembrando-a dessa “lei: [...] as emoções”, diz ela, “são ilegais” (WILLIAMS, 1994/1996, p.46). Logo, o maior erro consiste em tornar-se vivo, isto é, em reatar o pensamento às emoções.

A criança autista não chora, às vezes não sente dor física, e considera os traços de afeição a seu respeito como sendo perigosos. “Era precisamente a violência de meus sentimentos”, afirma Williams, “que me forçava sempre a me afastar daqueles que eu amava” (WILLIAMS, 1996, p.240). Da mesma forma, quando se submete a um ato sexual ou quando não pode impedir que a toquem, ela abandona seu corpo, afasta-se dele, sobretudo para não sentir nada. A clivagem a-S1, que caracteriza a estrutura autística, ancora-se num trabalho subjetivo de proteção contra a angústia. Com isso, como fortemente sublinharam os Lefort: nem *lalíngua*, nem S1 no autismo (LEFORT; LEFORT, 1998, p.37).

Один момент, который Уильямс не озвучивает, остается неясным, истина, возможно, еще более скрытая, даже для читателя ее автобиографии: почему она убила своего деда за два года до его смерти? Она сообщает, что столкнулась с этим: «Однажды, когда я только что встретила с ним, пишет она, он не заметил моего присутствия. Он лежал в углу, его лицо было мраморным и багровым. Дедушка больше не вставал. Я так и не простила его, по крайней мере, до тех пор, пока мне не исполнился двадцать один год, когда я вдруг обнаружил, что люди не устраивают преднамеренную смерть. Так что я плакала и плакала, с каждым днем все больше (УИЛЬЯМС, 1992, стр. 24).

Мы понимаем, таким образом, что она была рассержена его смертью, потому что он умер преднамеренно. Но главное не в этом, могут признать Мэри и читатель. Там хуже: она уже убила его. Но почему? Потому что перед фактической смертью его деда была сцена, в которой она считала его мертвым. Разрывающая, отвратительная боль. Настолько, что она решила, даже не в силах сформулировать, наверное, отдалиться от всех чувств, чтобы никогда больше не испытывать подобных страданий. Что повелевает ее субъективному функционированию: полностью управлять [maîtriser] эмоциями, удаляясь от них. «Позже она фактически слышит «внутренний голос», напоминающий ей об этом законе: [...] эмоции», — говорит она, — незаконны» (УИЛЬЯМС, 1994/1996, стр. 46). Поэтому самая большая ошибка состоит в том, чтобы стать живым, то есть возобновить мысль эмоциями.

Аутичный ребенок не плачет, иногда не чувствует физической боли, ласковые черты по отношению к нему считает опасными. «Именно насилие моих чувств», — говорит Уильямс, — всегда заставляло меня дистанцироваться от тех, кого я любила» (УИЛЬЯМС, 1996, с. 240). Точно так же, когда она приступает к половому акту или, когда к ней могут прикасаться, она покидает свое тело, отдалается, главным образом, чтобы ничего не чувствовать. Расщепление a-S1, характеризующее аутистическую структуру, связано с субъективной работой по защите от страданий. При этом, как настоятельно подчеркивали Лефорты: ни *йязык* (*lalangue*), ни S1 при аутизме (LEFORT; LEFORT, 1998, с.37).

Mais vale matar o Outro por antecipação para não mais sofrer, revela Williams, ilustrando sua relação com o Outro real - que os Lefort souberam tão bem mostrar como fundamentalmente destrutiva. Para o azar do autista, o Outro real é incansável: o sujeito pode afastar-se do gozo do vivo, mas, a não ser que se suicide, ele persiste. “É absurdo”, afirma Sellin, “pretender que não sintamos nada” (SELLIN, 1998, p.41); as emoções subsistem, mas sua interpretação não se faz, de tal modo que o gozo se mostra invasivo [envahissant] e incompreensível. O autista procura romper todo laço com o Outro real, presente no para-além de seu mundo seguro - no mundo dos seres vivos imprevisíveis e inquietantes. Seu gozo chega a seu pensamento de maneira caótica e inapreensível, do exterior de seu mundo, bem como do interior de seu ser.

A abertura excepcional produzida pelo tratamento de Williams leva a situar o enigma fundador da escolha do sujeito autista numa recusa da mortificação do gozo de seu ser, o que produz a “morte” deste e o afasta do Outro simbólico, na falta de poder angariar [prélever] de si a falta que dá ao desejo a sua dinâmica. O ser do autista não pode inicialmente entrar em ação [s'animer], a não ser protegido por detrás de seus duplos. O que Peter nomeia “a verdade”, adivinhada por Rothenberg, não é de outra natureza que não a do segredo de Williams: Mira tinha compreendido, na presença da angústia desencadeada por uma leitura vivaz, que o ser de Peter não devia cessar de fingir-se de morto⁷.

Лучше убить Другого заранее, чтобы больше не страдать, — раскрывает Уильямс, иллюстрируя свои отношения с настоящим Другим — которые Лефорты так хорошо умели показывать, как принципиально разрушительные. К несчастью для аутиста, настоящий Другой неутомим: субъект может дистанцироваться от наслаждения живым, но пока он не совершит самоубийство, он упорствует. «Абсурдно, — говорит Селлин, — делать вид, что мы ничего не чувствуем» (СЕЛЛИН, 1998, стр. 41); эмоции существуют, но их интерпретация не производится таким образом, что наслаждение оказывается навязчивым [envahissant] и непостижимым. Аутичный человек стремится разорвать все связи с реальным Другим, присутствующим за пределами его безопасного мира — в мире непредсказуемых и тревожных живых существ. Его наслаждение достигает его мыслей хаотичным и непостижимым образом, как извне его мира, так и изнутри его существа.

Исключительное открытие, произведенное трактовкой Уильямс, приводит к тому, что основополагающая загадка выбора аутичного субъекта заключается в отказе от умерщвления наслаждения его бытия, которое производит его «смерть» и отдаляет его от символического Другого, в отсутствие быть в состоянии приподнять [prélever] из себя недостаток, который придает желанию его динамику. Аутичное существо не может первоначально вступить в действие [s'animer], если оно не защищено своими двойниками. То, что Питер называет «правдой», угаданной Ротенбергом, имеет не что иное, как тайну Уильямс: Мира поняла, в приступе муки, вызванной живым чтением, что существо Питера не должно переставать притворяться мертвым.

“Meu eu [moi] real, esclarece Williams, “ainda estava se deixando hipnotizar pelas cores, enquanto Carol aprendia a dançar e Willie a lutar. O mesmo é dizer que eu estava morta para o mundo”. A hipnose suscitada pelas cores é uma saturação do gozo escópico produzido pelos filamentos mágicos e estrelas percebidos ao se ajustar num primeiro plano, e que afasta do resto do mundo. Segundo seu testemunho,

o ser do autista - o que ela nomeia como seu “eu real” - parece “auto-sensual”. Todavia, apesar de sua morte imaginária, não deixa de conservar uma certa dinâmica: ele trabalha para manter a clivagem a-S1, esforça-se para não se tornar “vivo”. Para isso, o mundo interior seguro deve permanecer sob controle, totalmente dominado [maîtrisé], de tal modo que sua imutabilidade - estruturada por regras próprias ao sujeito - seja permanentemente preservada.

A esse respeito, Williams tem uma intuição de uma pertinência notável quando tenta diferenciar o autismo da esquizofrenia: num, discerne ela, trata-se de combater pela separação do intelecto e das emoções; ao passo que, no outro, as defesas se orientam contra. Ela sublinha fortemente essa oposição. Entretanto, num primeiro momento, parece ir contra o senso comum: Williams afirma que o sujeito autista é que está clivado, e não o esquizofrênico. Ora, trata-se justamente, no autismo infantil precoce, de um trabalho para manter a clivagem a-S1; ao passo que, na esquizofrenia, o sujeito tenta amarrar os S1 pluralizados aos S2.

Um tratamento freudiano pode, pois, conduzir a uma ilustração da verdade do sujeito autista, mas a brecha das defesas que produz, então, não somente não é de proveito algum, como também até mesmo arrisca desestabilizá-lo fortemente. Conduzir o tratamento rumo a um núcleo de verdade constitui uma prática perigosa, o que Williams percebe perfeitamente no só-depois: “quando a primeira psiquiatra me pediu para evocar minhas lembranças (e os freudianos têm tendência a adotar essa linha), sua pergunta me pareceu espantosa e perigosa.” (WILLIAMS, 1996, p.73)

«Настоящая [moi] Я, — поясняет Уильямс, — все еще была загипнотизирована цветами, пока Кэрол училась танцевать, а Вилли драться. Это то же самое, что сказать, что я умерла для мира». Гипноз, вызываемый цветами, — это насыщение скопического удовольствия, производимого волшебными нитями и звездами, воспринимаемыми, когда они вписываются в передний план и отдалают ее от остального мира. Согласно ее свидетельству, аутичное существо — то, что она называет своим «настоящим я» — кажется «ауто-чувственным». Однако, несмотря на свою мнимую смерть, он все же сохраняет определенную динамику: работает над сохранением расщепления a-S1, прилагает усилия, чтобы не стать «живым». Для этого безопасный внутренний мир должен оставаться под контролем, полностью подчиняться [maîtrisé] таким образом, чтобы его неизменность, структурированная по определенным для субъекта правилам, постоянно сохранялась.

В этом отношении у Уильямс есть замечательная интуиция, когда она пытается отличить аутизм от шизофрении: в одном она различает, что речь идет о борьбе за разделение интеллекта и эмоций; тогда как в другом защита ориентирована против. Он сильно подчеркивает эту оппозицию. Однако, на первый взгляд, это кажется противоречащим здравому смыслу: Уильямс утверждает, что аутичный субъект — это тот, кто расщеплен, а не шизофреник. Так вот, при раннем детском аутизме речь идет именно о работе по поддержанию расщепления a-S1; тогда как при шизофрении субъект пытается связать множественное число S1 с S2.

Таким образом, фрейдистское лечение может привести к иллюстрации истинности аутичного субъекта, но брешь в защитах, которую оно производит, не только не приносит пользы, но и рискует серьезно дестабилизировать его. Подводить лечение к ядру истины — опасная практика, которую Уильямс прекрасно понимает сразу после: «когда первый психиатр спросил меня, чтобы пробудить мои воспоминания (а фрейдисты склонны придерживаться этой линии), его вопрос показался мне поразительным и опасным». (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 73)

O TRATO DO OUTRO COM O DR. MAREK

Nove anos depois do término do tratamento com Mary, Williams se introduz em outro tratamento, conduzido de forma bem diferente. O doutor Theodore Marek não era «psi», segundo seus próprios dizeres, mas psicólogo escolar, possuindo uma longa experiência na prática com autistas. Ele tirou a conclusão de que sofriam de um mau processamento da informação, de tal modo que conduziu seu trabalho procurando retificá-lo.

Ele não parte do privilégio de uma relação dual, propícia a suscitar os jogos de espelho do duplo. Propõe para Williams, logo de saída, um objeto intermediário: uma bateria de testes. Ela aceita sem demasiada inquietação, e no final das provas lhe pede algo: que ele faça com que ela tome conhecimento do “que é que deu”. E ele não dissimula seu saber: comunica a ela que, nos testes de inteligência, ela é excepcional em certos domínios, atrasada em outros - e que esses extremos são típicos dos autistas. Essas palavras têm para Williams um efeito de verdade: elas esclarecem uma parte de seu funcionamento. “Eu tinha a impressão de estar sendo uma cobaia, mas também estava me sentindo aliviada. Eu compreendia, enfim, porque ora me consideravam um gênio, ora me consideravam uma imbecil; de fato, eu era os dois. Esses resultados explicavam também a fabricação de Willie. (WILLIAMS, 1996, p.59)

Marek teve sucesso, assim, logo de início - aliviando-a e posicionando-se como sujeito de suposto saber sobre o autismo. Ele afirma poder ajudá-la, no entanto ela duvida disso em razão dos problemas de generalização que possui: quando aprende como agir numa determinada situação, é difícil transpor para outra aquilo que aprendeu. Aceita, contudo, encontrá-lo por volta de três semanas. Ela lhe endereça uma demanda, não para que reúna as peças de sua história, mas para que lhe dê “regras absolutas”. O autista precisa de ajuda para tratar seu Outro caótico. É preciso ordem, um sistema, garantias - o que ele procura bem cedo em sua busca por imutabilidade. Williams escreve a Marek que gostaria que ele lhe expusesse se sabia de coisas que ela deveria aceitar “como imutáveis e invariáveis” e regras que, uma vez estabelecidas, não podem ser quebradas”, a não ser por novidades que suprimiriam as antigas. Ela procura construir com ele um Outro de síntese estável, organizado, tranquilizante.

Parece-lhe claramente que Marek não está no mesmo lugar que Mary: ela própria formula que ele não é um espelho. Em que lugar situá-lo, então? Poderíamos supor que toma o lugar de um educador; Williams não vê assim: ele não põe em funcionamento um programa de reeducação. Ele não a julga: ela sublinha que ele não diz que suas palavras são insensatas, não fica repetindo que ela não fale vagamente, não a trata como “desacreditada”. Ele opera de um jeito diferente: se ampara em suas perguntas, a escuta, regula-se ao seu ritmo. “O que é bom, ela lhe escreve, é que eu não tenho que responder Sim, sim, sim quando falo com você; pelo contrário, eu posso dizer desculpe, mas não estou entendendo ou Você poderia reformular? E, além disso, você não fala muito rápido, e sua voz e seu ritmo são bastante regulares (o que é menos problemático e permite que eu me concentre). (WILLIAMS, 1996, p. 92)

(СБОРКА) СДЕЛКА С ДРУГИМ (ОБРАЩЕНИЕ С ДРУГИМ), ДОКТОР МАРЕК

Через девять лет после окончания лечения Мэри Уильямс познакомилась с другим методом лечения, который проводился совершенно по-другому. Доктор Теодор Марек был не пси-практиком? [«пси»], по его собственным словам, а школьным психологом, имеющим большой опыт работы с аутичными людьми. Он пришел к выводу, что они страдают от плохой обработки информации, и проводил свою работу, пытаясь это исправить.

Он не исходит из привилегии двойственных отношений, способствующих пробуждению зеркальных игр двойников. Он с самого начала предлагает Уильямс промежуточный объект: батарею тестов. Она соглашается без особого беспокойства, а в конце тестов просит его кое о чем: чтобы он дал ей понять, "что произошло". И он не скрывает своего знания: он говорит ей, что в тестах на интеллект она исключительна в одних областях и отстаёт в других - и что эти крайности типичны для аутичных людей. Эти слова имеют для Уильямс эффект истины: они проясняют часть ее функционирования. «У меня было впечатление, что я - подопытный кролик, но в то же время я чувствовала облегчение. Я поняла, наконец, почему меня иногда считали гением, а иногда имбецилкой; на самом деле я была и той, и другой. Эти результаты также объясняли измышления Вилли. (УИЛЬЯМС, 1996, стр.59)

Таким образом, Марек преуспел с самого начала – принес ей облегчение и позиционировал себя как субъект предполагаемого знания об аутизме. Он утверждает, что может ей помочь, но она сомневается в этом из-за своих проблем с обобщением: когда она узнает, как действовать в определенной ситуации, ей трудно перенести полученные знания на другую ситуацию. Тем не менее, она соглашается встретиться с ним примерно через три недели. Она обращается к нему с требованием не собрать воедино кусочки его истории, а дать ей "абсолютные правила". Аутисту нужна помощь, чтобы справиться со своим хаотичным большим Другим. Ему нужен порядок, система, гарантии - то, что он ищет в начале своего стремления к неизменности. Уильямс пишет Мареку, что хотела бы, чтобы он рассказал ей, знает ли он о вещах, которые она должна принять "как непреложные и незыблемые", о правилах, которые, "однажды установлены, и не могут быть нарушены", за исключением новых, которые подавят старые. Она стремится построить с ним стабильный, организованный, обнадеживающий синтез большого Другого.

Ей явно кажется, что Марек не на том же месте, что и Мэри: она сама формулирует, что он не зеркало. Где же его разместить? Можно предположить, что он занимает место педагога; Уильямс так не считает: он не проводит программу перевоспитания. Он ее не осуждает: она подчеркивает, что он не считает ее слова необоснованными, не повторяет, что она говорит расплывчато, не относится к ней как к «дискредитированной». Он действует по-другому: опирается на ваши вопросы, слушает, подстраивается под ваш ритм. «Что хорошо, пишет она ему, так это то, что мне не нужно отвечать "да, да, да", когда я говорю с вами; напротив, я могу сказать "извините, но я не понимаю" или "не могли бы вы перефразировать". И, кроме того, вы не говорите слишком быстро, ваш голос и ваш ритм довольно регулярны (что менее проблематично и позволяет мне сосредоточиться)". (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 92)

Com isso ele a tranqüiliza, porque ocupa o lugar que convém: o de um Outro atencioso, regrado, limitado e prevenido. Torna-se apto a “validar suas experiências”, traz para ela “algumas respostas”. Ela lhe dá confiança, ainda que encare com receio ter de se deixar “desarmar” se o trabalho prossegue, isto é, ter de abandonar certos mecanismos de defesa. Com efeito, Marek vai chegar a modificar seu funcionamento subjetivo e sua construção da realidade.

Como isso se dá? Duas intervenções maiores mostram-se decisivas. Williams se mostra profundamente abalada quando, em resposta à sua pergunta, ele lhe comunica uma regra absoluta: “para pensar ou sentir, uma coisa deve de ter um sistema nervoso”. A descoberta é rude: desde a idade de 3 anos, Donna vive em um mundo onde as pessoas faleceram, onde foram reduzidas a coisas-objetos, portanto a

peessoas-objetos - isto é, a presenças afastadas, de segunda ordem, de pouco interesse, difíceis de circunscrever, às vezes utilizáveis -; em contrapartida, correlativamente, os objetivos de seu mundo familiar eram vivos, eles lhe traziam segurança e consolo, conheciam sua existência e lhe faziam companhia.

A formulação dessa regra “bombardeia seu mundo”. Ela se sente atormentada por essa nova idéia de que “um objeto estava morto, sem conhecimento, sem sentimento, sem arbítrio”. Anteriormente, ela vivia num mundo onde: “tudo tinha uma vontade, ainda que limitada. Fosse um objeto imóvel ou móvel, dependia mais de sua vontade de se mexer do que da decisão de uma pessoa de deslocá-los”. A intervenção do Dr. Marek a mergulha em um “universo de cadáveres materiais”, ele põe por terra seu animismo reconfortante, o que faz com que ela sinta sua solidão com acuidade, uma vez que seus objetos familiares não a protegiam mais desse sentimento.

Этим он ее успокаивает, потому что занимает подобающее место: вдумчивого, регулируемого, ограниченного и предупредительного большого Другого. Он становится способным «подтвердить ее переживания», приносит ей «некоторые ответы». Это придает ей уверенности, хотя она и опасается, что в случае продолжения работы придется дать себя «обезоружить», то есть отказаться от определенных защитных механизмов. По сути, Марек приводит ее к тому, чтобы изменить ее субъективное функционирование и ее конструирование реальности.

Как это произошло? Два основных вмешательства имеют решающее значение. Уильямс глубоко потрясена, когда в ответ на ее вопрос дать ей абсолютное правило, получает ответ: «Чтобы думать или чувствовать, вещь должна иметь нервную систему». Открытие грубо: с трехлетнего возраста Донна жила в мире, где люди умерли, где они были сведены к вещам-объектам, следовательно, к людям-объектам - то есть к далеким присутствиям, второго порядка, малоинтересным, трудноопределимым, иногда пригодными для использования; с другой стороны, родственные предметы ее мира были живы, они приносили ей безопасность и утешение, они знали о ее существовании и составляли ей компанию.

Формулировка этого правила «бомбардирует ее мир». Ее мучает эта новая идея о том, что "объект мертв, без знания, без чувства, без воли". Раньше она жила в мире, где "все имело волю, пусть и ограниченную. Был ли объект неподвижным или подвижным, зависело больше от его воли к движению, чем от решения человека сдвинуть его с места". Вмешательство доктора Марека погружает ее во "вселенную материальных трупов", он разрушает ее утешительный анимизм, что заставляет ее остро чувствовать свое одиночество, поскольку знакомые предметы больше не защищают ее от этого чувства.

A “nova lógica” é inquietante, mas, desde a publicação de seu livro, Donna decidiu não mais se mutilar, evitando recorrer a seus duplos e não querendo mais se refugiar em seu mundo. Nesse momento do tratamento [cure], ela recorre a um novo mecanismo de defesa, que não passa pelo duplo, mas por um trato [traitement] original de seu Outro de síntese. A dolorosa regra absoluta lhe foi comunicada em inglês - ela vive em um país, a Austrália, onde todos falam inglês -; decide, então, recriar uma distância entre seu mundo seguro e o dos outros, sempre inquietante, falando consigo em alemão. Ela até mesmo

encara fazer um teste para poder ensinar em alemão, pois lhe seria bem mais fácil ensinar em uma língua que não é a sua, e que não é “uma expressão direta” de si mesma. (WILLIAMS, 1996, p. 102)

A nova lógica a coloca num estado lastimável, ela resiste: ainda lhe é muito difícil ser um ser vivo e falar autenticamente. Contudo, por conta de mudanças na maneira de reconhecer a cólera e na dificuldade de interpretar a entonação, ela pergunta ao Dr. Marek como é que os outros fazem para adquirir esse conhecimento. Em resposta, ele é levado a lhe comunicar uma segunda informação decisiva, que bagunça novamente a realidade de Donna, permitindo que situe melhor sua diferença com relação aos outros. “Ele me explicou, relata ela, que os outros utilizavam simultaneamente expressões pessoais e linguagem falada, sem análise consciente. Tive a impressão de consultar um gênio” (WILLIAMS, 1996, p.147).

Ainda que o trabalho tenha envolvido momentos difíceis, Donna constata que ele a ajuda a sentir uma melhor inserção, que pouco a pouco ela acompanha melhor as conversas, e que os outros lhe parecem mais presentes. Ela descobre, nesse período, que os momentos de “Grande Nada Negro” não são suscitados pela aproximação da morte - como acreditou durante muito tempo, ou como pensava Peter, ao evocar “o cemitério” - mas que surgem quando se aproxima de suas emoções. Ela percebe que o caos angustiante de seu gozo está ligado à sua incapacidade de apreendê-lo: “Qual, mas qual? Urrava em mim um impulso à deriva”. Ela entrevê apenas a nomeação de suas emoções para regulá-las; os medicamentos, uma vez prescritos por Mary, não lhe “serviram de grande coisa [...] era só”, escreve ela, “eu poder nomear esses monstros e atrelá-los, ligá-los aos lugares, rostos e momentos de sua proveniência que eu seria livre.” (WILLIAMS, 1996, p.143)

На этом этапе исцеления [tratamento (браз.) – лечение, обращение, процедура, cure (фр.) – исцелять, лечение, обращение, уход, забота, попечение] она прибегает к новому защитному механизму, который проходит не через двойника, а через оригинальную сборку (сделку) [trato (браз.) – сделка, traitement (фр.) – уход, обращение, обработка, лечение] ее синтеза Другого. Болезненное абсолютное правило было сообщено ей на английском языке - она живет в стране, Австралии, где все говорят по-английски; тогда она решает воссоздать дистанцию между своим безопасным миром и миром других, всегда вызывающим тревогу, говоря с собой по-немецки. Она даже собирается сдать тест, чтобы иметь возможность преподавать на немецком, потому что ей будет гораздо легче преподавать на чужом языке, который не является ее собственным и который не является "прямым выражением" ее самой. (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 102)

Новая логика приводит ее в плачевное состояние, она сопротивляется: ей еще очень трудно быть живым существом и говорить аутентично. Однако из-за изменений в распознавании гнева и сложности в интерпретации интонации, она спрашивает доктора Марека, как другие приобретают эти знания. В ответ он вынужден сообщить ей вторую решающую информацию, которая снова искажает реальность Донны, позволяя ей лучше определить свое отличие от других. «Он объяснил мне», — говорит она, — что другие используют как личные высказывания, так и устную речь одновременно, без сознательного анализа. У меня сложилось впечатление, что я консультируюсь с гением» (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 147)

Несмотря на то, что работа включала в себя трудные моменты, Донна обнаруживает, что это помогает ей лучше чувствовать себя вовлеченной (вживленной), что мало-помалу она лучше следит за разговорами и что другие кажутся ей более настоящими. В этот период она обнаруживает, что моменты «Большого черного ничто» не провоцируются приближением смерти — как она считала долгое время или как думал Питер, вызывая «кладбище», — а возникают, когда она приближается к своим эмоциям. Она понимает, что

мучительный хаос ее наслаждения связан с ее неспособностью понять их: «Такой, но какой? Дрейфующий импульс взывал во мне». Она мельком видит только названия своих эмоций, чтобы регулировать их; лекарства, однажды прописанные Мэри, «не принесли ей много пользы... «Только то, — пишет она, — что я могла назвать этих монстров и связать их вместе, связать их с местами, лицами и моментами их происхождения, чтобы я была свободна» (УИЛЬЯМС, 1996, стр.143)

Seu universo de objetos jaz a seus pés; ela descobre que suas estratégias defensivas a separam do mundo e que é preciso fazer uma escolha: estar ou não nesse último. Ela experimenta confusamente que o tratamento a ajuda a rumar para uma interrogação; constata que sua escuta sensível vai melhorando, de modo que aproveita a ocasião em que os Miller a procuram - os proprietários benevolentes de seu apartamento - para intensificar o trabalho de regulação de seu Outro de síntese. Ela decide bater na porta deles, armada de lápis e papel, e pedir-lhes que “mostrem emoções.”

Eles aceitam se dedicar dia após dia, enquanto prossegue o trabalho com o Dr. Marek, com o qual eles têm contato. Mobilizam esboços de emoções, desenhos, barras, escalas, linhas de conexão, caixas de diálogo etc. para tentar fazer com que ela adquira os conceitos “claros e etiquetados”. Eles lhe serão, por fim, uma grande sustentação, passando longas noites definindo e ilustrando para ela “uma plethora de conceitos sociais e emocionais inapreensíveis de expectativas, de convenções e de regras” (WILLIAMS, 1996, p.228). Um trabalho como esse de trato do seu Outro de síntese - fundado não em experiências internas, mas essencialmente na aquisição de signos visuais, na definição de conceitos, e na assimilação de regras - confirma a intuição de Asperger segundo a qual os autistas “compreendem tudo pelo intelecto”, e somente pelo intelecto.

O trabalho com os Miller e com o Dr. Marek teve fim em 1992, em razão da partida de Williams para a Inglaterra - primeiramente para divulgar seu primeiro livro; em seguida, para lá se instalar definitivamente. Ela decidiu prosseguir de maneira solitária quando, na Inglaterra, tomou a decisão de redigir um segundo livro. Ninguém duvida, com efeito, que seu trabalho de escrita participa, por um lado, de uma tentativa de “juntar as partes do quebra-cabeças” do seu Outro de síntese: ela revela que uma das motivações de sua primeira obra tinha sido o de reler sua vida, para compreender sua “coerência interna”; uma pesquisa para encadear “os elos do passado”, a fim de construir sobre as fundações (WILLIAMS, 1992, p.275 e p.25).

Ela atesta que seu trabalho com o Dr. Marek foi mais proveitoso do que o efetuado com Mary. Notemos a maneira pela qual ela designa seus dois principais terapeutas: uma por seu nome (tornou-se uma amiga integrada ao seu mundo, um duplo suplementar); ao passo que o segundo é um especialista, cujo sobrenome é sempre precedido por seu título (ele pertence a outro mundo, àquele do qual ela se protege e que, antes de ele lhe transmitir regras absolutas, parecia ser tão incompreensível).

Ее вселенная объектов лежит у ее ног; она обнаруживает, что ее защитные стратегии отделяют ее от мира и что необходимо сделать выбор: быть в нем или нет. Она испытывает замешательство от того, что лечение помогает ей двигаться в направлении вопрошания; она отмечает, что ее чуткое слушание улучшается, так что она пользуется случаем, когда ее ищут Миллеры - доброжелательные хозяева ее квартиры - чтобы активизировать работу по регулированию синтеза большого Другого. Она решает постучать в их дверь, вооружившись карандашом и бумагой, и попросить их “показать эмоции”.

Они соглашаются и посвящают себя этому день за днем, продолжая работу с доктором Марек, с которым у них есть контакт. Они мобилизуют эскизы эмоций, рисунки, полосы, шкалы, соединительные линии, диалоговые окна и т. д., чтобы попытаться заставить ее усвоить понятия «ясные и четкие (меткие)». В конце концов, они будут большой поддержкой, проводя долгие ночи, определяя и иллюстрируя для нее «множество непостижимых социальных и эмоциональных концепций ожиданий, условностей и правил» (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 228). Подобная работа, посвященная ее сборке (сделке) синтеза «Другого», основанному не на внутреннем опыте, а по существу на приобретении визуальных знаков, определении понятий и усвоении правил, подтверждает интуицию Аспергера, согласно которой аутисты «понимают все интеллектом» и только интеллектом.

Работа с Миллерами и доктором Марек закончилась в 1992 году из-за отъезда Уильямс в Англию — сначала для продвижения своей первой книги; затем окончательно решила обосновалась там. Она решила действовать одна, когда в Англии приняла решение написать вторую книгу. Никто не сомневается, что ее писательская работа, с одной из сторон, участвует в попытке «собрать кусочки мозаики» ее синтеза большого Другого: она рассказывает, что одним из мотивов ее первой работы было перечитать свою жизнь, понять ее «внутреннюю связность»; исследование, чтобы связать «связи прошлого», чтобы построить фундамент (УИЛЬЯМС, 1992, стр. 275 и стр. 25).

Она подтверждает, что ее работа с доктором Марек была более полезной, чем с Мэри. Обратите внимание на то, как она называет двух своих основных терапевтов: одного по имени (она стала другом, интегрированным в ее мир, дополнительным двойником); а второй - специалист, фамилии которого всегда предшествует его звание (он принадлежит к другому миру, тому, от которого она себя защищала и который до того, как он сообщил ей абсолютные правила, казался таким непостижимым).

Mary não a livrou de seus duplos mutiladores - mecanismos de proteção contra a angústia -, cujo recurso necessário era, para Donna, um sofrimento. O mérito principal dessa psicoterapia de apoio foi de incitá-la a fazer estudos universitários, nos quais ela encontrou um primeiro trato do seu Outro: “a universidade”, escreve ela, “havia me dado uma coerência e me protegido do caos” (WILLIAMS, 1992, p.216). O Dr. Marek não está interessado em seus duplos, mas unicamente em seu processamento de informação; ele permitiu que ela adquirisse um saber regrado, permitindo que se movesse melhor em uma realidade menos imprevisível. Segundo os termos da própria Donna, ele a orientou “para além do espelho” (WILLIAMS, 1996, p.204).

Ela chega a obter um diploma que lhe dá a possibilidade de ensinar como educadora infantil [institutrice]. Sua posição se modificou: sua escuta capta melhor o sentido; seus duplos estão menos presentes; ela se esforça para não negar o que vem de seu corpo; prova certos sentimentos; desenvolve a faculdade de falar pessoalmente. Tenta não mais cindir seu mundo, “mantendo intacto o sentido de seu eu [moi] e de suas emoções”, o que faz com que se aperceba do fato de que “toda pessoa - autista ou não, querendo ou não - existe sobre o mesmo pilar: a subjetividade” (WILLIAMS, 1996, p. 189).

Porém, esses esforços continuam difíceis e não atingem um sucesso pleno. Em certas situações angustiantes, um duplo pode retornar, a despeito de sua vontade; e agora é ainda pior provar momentos de perda dos sentidos quando a estruturação de sua percepção se desagrega. De fato, ela integrou estratégias do mundo que “ajudam-na a se ajudar” (WILLIAMS, 1996, p.119), expressão que denota a

persistência de um funcionamento um tanto quanto fechado em si mesma. Ninguém duvida que o desvio para o Outro de que o circuito da pulsão necessita não está plenamente restaurado. Continua mais fácil falar do que se fazer escutar, mais fácil olhar do que se fazer ver. Ainda que ela descubra o sentimento amoroso, não entrevê mais do que uma relação “asexual platônica”.

Não se duvida, contudo, que sua relação com o gozo se modificou: ela não está mais separada de seu corpo, e a realidade lhe parece menos caótica. Um laço emocional se tece, observa ela, “porque um sentido petulante trespassa” (WILLIAMS, 1996, p.171). A clínica não permite duvidar de que a estruturação do Outro de síntese acompanha regularmente um ganho no enlace do ser vivo ao pensamento. É o que constata, por exemplo, Tamara Morar, depois de um trabalho regular com seu filho autista, incidindo sobre “a representação mental de conceitos concretos” - parcialmente análogo ao do Dr. Marek. Todos esses exercícios que favorecem “a reconstrução mental” ajudam, “contra todas as expectativas”, ela se admira, “também a restabelecer as emoções, a aprender sua linguagem e sua expressão, a desenvolver a consciência de seus próprios sentimentos etc.». Conclui: «na realidade, tudo está intrincadamente ligado.” (MORAR, 2004, p.150)

Мэри не избавила ее от калечащих двойников — механизмов защиты от тревоги, необходимым ресурсом которых для Донны было страдание. Главная заслуга этой поддерживающей психотерапии заключалась в том, что она побудила ее к обучению в университете, в ходе которого она осуществила первую сделку(сборку) со своим Другим: «университет, — пишет она, — дал мне связность и защитил от хаоса» (УИЛЬЯМС, 1992, стр. 216). Доктор. Марека интересуют не его двойники, а исключительно их обработка информации; он позволил ей приобрести эмпирическое правило, позволяющее ей двигаться лучше в менее непредсказуемой реальности. По словам самой Донны, он вывел ее «за пределы зазеркалья» (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 204).

Мэри не избавила ее от ее калечащих двойников - защитных механизмов против страдания, - необходимым средством защиты которых было для Донны страдание. Главной заслугой этой поддерживающей психотерапии было побуждение Донны к учебе в университете, в котором она впервые нашла общий язык со своим Другим: "Университет, - пишет она, - дал мне связность и защитил меня от хаоса" (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 216). Доктора Марека интересуют не ее двойники, а исключительно ее обработка информации; он позволил ей приобрести регламентированные знания, позволяющие ей лучше двигаться в менее непредсказуемой реальности. По словам самой Донны, он провел ее "за пределы зеркала" (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 204).

Она даже получает диплом, дающий ей возможность преподавать в качестве воспитателя детского сада [institutrice (фр.) – учительница, воспитательница]. Ее позиция изменилась: ее слушание лучше улавливает смысл; ее двойники присутствуют реже; она изо всех сил пытается не отрицать то, что исходит от ее тела; доказать определенные чувства; развивает способность говорить лично. Она старается больше не делить свой мир, «сохраняя нетронутым собственное Я [moi] и свои эмоции», что позволяет ей осознать тот факт, что «каждый человек — аутичный или нет, вольно или невольно — существует на одном столпе: субъективность» (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 189).

Однако эти усилия остаются трудными и не достигают полного успеха. В определенных дистрессовых ситуациях двойник может вернуться, вопреки ее воле; и теперь еще хуже переживать моменты потери чувств, когда распадается структурирование ее восприятия. Фактически, она интегрировала стратегии мира, которые "помогают ей помочь себе" (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 119), выражение, обозначающее сохранение функционирования, которое в некоторой степени замкнуто на себе. Никто не сомневается, что обходной путь к

Другому, в котором нуждается приводная цепь, восстановлен не полностью. По-прежнему легче говорить, чем заставить себя услышать, легче смотреть, чем увидеть себя. Даже если она открывает для себя чувство любви, она не видит ничего кроме «платонических асексуальных» отношений.

Однако нет сомнений в том, что ее отношение с наслаждением изменились: она больше не отделена от своего тела, и реальность кажется ей менее хаотичной. Эмоциональная связь сплетается, замечает она, «потому что пронзает чувство раздражения» (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 171). Клиника не оставляет места для сомнения в том, что структурирование синтеза Другого регулярно сопровождает достижение связи живого существа с мыслью. Это то, что находит Тамара Морар, например, после регулярной работы со своим аутичным сыном, сосредоточив внимание на «мысленном представлении конкретных понятий» — отчасти аналогично тому, как это делает доктор С. Марек. Все эти упражнения, способствующие «психической реконструкции», помогают «вопреки всем ожиданиям», задается она вопросом, «также восстанавливать эмоции, изучать их язык и их выражение, развивать осознание собственных чувств и т. д.». Он заключает: «В действительности, все очень тесно связано» (МОРАР, 2004, стр. 150)

Certamente, a estrutura do sujeito é uma amarração [nouage] de imaginário, real e simbólico, mas essa amarração nunca está mais distendida do que no sujeito autista. Verifica-se que um trato do Outro possui a aptidão de estreitá-la. Ele encontra, contudo, limites que atestam que em mesmo os autistas de alto funcionamento mais bem estabilizados não atam borromeanamente⁹ os elementos de sua estrutura subjetiva - limites, na realidade, como veremos, de um tratamento que se limita a uma intervenção no Outro da síntese.

Desde os primeiros estudos sobre o autismo, Asperger (1998) havia apontado que os sujeitos autistas reagiam favoravelmente caso se lhes apresentassem “as ordens não como pessoais, mas como uma lei objetiva impessoal”. A partir do momento em que a realidade está estruturada, ela lhes parece menos perigosa e mais habitável. Todos estão, como Williams, à espera de “regras absolutas”. Intervenções orientadas nesse sentido mostram-se aptas a um trato do Outro, não mediado por interpretações, mas direto, pela admissão [adjonction] de estruturas e regularidades. Nada é recalcado [refoulé] no Outro de síntese do autista, que não dispõe da maquina de cifrar o gozo que consiste o significante. Ele deve, então, contentar-se com os signos, mas seu caos - que nenhum significante mestre organiza - causa seu sofrimento. “Não é a complexidade de uma língua que cria problema para os autistas”, explica K. Nazeer. “De fato, é provável que ela antes mesmo os ajude, na medida em que quanto mais complexa for, menos uma palavra corre o risco de ser polissêmica. Quanto mais regras e estruturas, menos um autista deve se debruçar sobre a sua intuição e sobre o contexto. (NAZEER, 2006, p. 26).

Ele esclarece que o ideal para eles seria “um sentido / uma palavra [mot]”, isto é, uma língua totalmente feita de signos.

Конечно, структура субъекта представляет собой связывание узла (nouage (фр.) – связывание, соединение узлами) воображаемого, реального и символического, но это связывание никогда не бывает более ослабленным, чем у аутичного субъекта. Подтверждено, что сделка (сборка, обработка) Другого способна его затянуть. Однако он сталкивается с ограничениями, свидетельствующими о том, что даже наиболее

стабилизированные люди с высокофункциональным аутизмом не связывают элементы своей субъективной структуры борромеевым способом, — пределы, в действительности, как мы увидим, для лечения, которое ограничивается вмешательством в синтез Другого.

Со времени первых исследований аутизма Аспергер (1998) указывал, что аутичные субъекты положительно реагировали, если им предъявляли «приказы не как личные, а как безличный объективный закон». С того момента, как реальность структурирована, она кажется менее опасной и более пригодной для жизни. Все, как Уильямс, ждут «абсолютных правил». Интервенции, ориентированные в этом направлении, способны иметь дело (сделку) с большим Другим не опосредованно интерпретациями, а напрямую, через признание структур и закономерностей. Ничто не подавлено [refoulé (фр.) – подавленное желание] в аутистическом синтезе Другого, у которого нет приспособления для кодирования наслаждения, состоящего из означающего. Значит, он должен довольствоваться знаками, но его хаос - то, что не организует никакое господское означающее, причиняет ему страдание. «Не сложность языка создает проблемы для аутичных людей», — объясняет К. Назир. «На самом деле, вполне вероятно, что это даже поможет им, поскольку чем он сложнее, тем меньше риск того, что слово окажется многозначным. Чем больше правил и структур, тем меньше аутичный человек должен сосредотачиваться на своей интуиции и контексте. (НАЗИР, 2006, стр. 26).

Он уточняет, что идеалом для них был бы «один смысл/одно слово [mot (фр.) – слово, термин]», то есть язык, целиком состоящий из знаков.

Como explicar que se possa chegar a modificar a economia de gozo subjetiva, tratando o Outro de um sujeito que não dispõe do significante? Parece que seja preciso concluir que a aprendizagem intelectual da conduta adequada, numa dada situação, mostra-se apta a fornecer ao sujeito um quadro de funcionamento que lhe permita canalizar o gozo nessas circunstâncias.

O autista é frequentemente levado a fazer, ele próprio, um trato do Outro através do estabelecimento de conexões regradadas e controláveis, daí a frequência disso que se chama de seus «pontos [îlots] de competência», a propósito dos quais ele testemunha um conhecimento admirável de um campo circunscrito do saber. Ele pode, então, dirigir-se confiantemente aos outros para lhes expor seu domínio excepcional em tal ou tal domínio - chegando, frequentemente, até mesmo a “enchê-los”. O desenvolvimento solitário e hipertrófico de um desses domínios conduz, às vezes, à síndrome do autista-sábio, mas o ponto de competência é - assim como o duplo e o objeto - um dos “pseudópodos” esticados cuidadosamente em direção ao mundo, como se exprimia Kanner (1983, p.63), de tal modo que está frequentemente na origem das aptidões profissionais dos autistas de alto funcionamento.

Aliás, numa prática em consultório privado com autistas de Asperger, constatei ser frequentemente levado a intervir para sustentar e desenvolver seus pontos de competência, sem poder dizer muito das razões disso - se acaso foi apenas a sua escuta que me incitou a ir nesse sentido. O ensinamento extraído do testemunho de Donna Williams me explicita retrospectivamente a lógica. Saibamos que isso não é o suficiente, é preciso, sobretudo, obter deles - e a continuação dessas linhas demonstra isso bem - que uma insatisfação dinâmica resulta da tomada de consciência de sua diferença; é nela que se origina uma escolha subjetiva rumo à autonomia social.

Seria preciso esclarecer que, ainda que o tratamento do autista consista apenas em tratar seu Outro de síntese, tratar-se-ia de outra coisa que não de educação: não somente o binário recompensa-punição se

faz ausente dessa prática; é necessário, além disso, que o sujeito consinta - mas isso demanda, sobretudo, estar prevenido do funcionamento subjetivo. É manifesto que o trato do Outro que goza [joueur] pela criança-autista não verbal demanda competências que ultrapassam o conhecimento das estruturas de linguagem e da realidade compartilhada. Além disso, Williams sublinha que não lhe parece possível ensinar a autistas tudo o que podem realizar, porque “o sentimento inspira a ação”, ou porque “vocês podem captar a idéia de um sentimento, mas ele não vai se tornar seu por causa disso” (WILLIAMS, 1996, p.287). Iremos constatar, com efeito, que as modificações da posição subjetiva do autista implicam uma mobilização necessária de seu gozo.

Как объяснить возможность модификации субъективной экономики наслаждения, рассматривая Другого как субъекта, не имеющего означющего? Представляется необходимым заключить, что интеллектуальное обучение адекватному поведению в данной ситуации оказывается способным предоставить субъекту рабочую основу, которая позволяет ему направлять наслаждение в данных обстоятельствах.

Аутичный человек часто сам ведет себя к заключению сделки с большим Другим через установление регулируемых и контролируемых связей, отсюда частота так называемых его «точек [îlots (фр.) - островков] компетентности», в отношении которых он свидетельствует о превосходных знаниях, из ограниченной области знаний. Затем он может уверенно обратиться к другим, чтобы показать свое исключительное мастерство в той или иной области, часто даже заходя так далеко, что «затапливает их». Одиночное и гипертрофированное развитие одной из этих областей иногда приводит к синдрому аутиста-мудреца [синдром саванта, савантизм - «остров гениальности»], но точка компетентности — точно так же, как двойник и объект — одна из «псевдоподий» (лампеллоподий), осторожно протянутых к миру, по выражению Лэо Кэннера (1983, с.63), поэтому она часто лежит в основе профессиональных способностей людей с высокофункциональным аутизмом (HFA)

На самом деле, в частной практике с аутичными людьми с синдромом Аспергера я обнаружил, что меня часто побуждали вмешиваться, чтобы поддерживать и развивать их компетенции, не будучи в состоянии сказать много причин для этого - если только слушание их побудило меня пойти в этом направлении. Учение, почерпнутое из свидетельства Донны Уильямс, ретроспективно проясняет мне логику. Дает нам понять, что этого недостаточно, нужно прежде всего добиться от них — и продолжение этих строк хорошо это показывает, — что динамическая неудовлетворенность проистекает из сознания их отличия; именно в нем берет начало субъективный выбор в пользу социальной автономии.

Необходимо уточнить, что даже если лечение аутичного человека состоит только в том, чтобы относиться к его Другому как к синтезу, речь идет о чем-то ином, чем образование: в этой практике отсутствует не только бинарное «вознаграждение-наказание»; необходимо, кроме того, согласие субъекта - но это требует, прежде всего, предотвращения субъективного функционирования. Очевидно, что обращение (сборка) невербального аутичного ребенка с Другим, который испытывает наслаждение [joueur (фр.) – наслаждающийся, сластолюбец], требует компетенций, выходящих за рамки знания структур языка и общей реальности. Кроме того, Уильямс подчеркивает, что не представляется возможным научить аутичных людей всему, что они могут сделать, потому что «чувство вдохновляет на действие» или потому что «вы можете уловить идею чувства, но оно не станет вашим из-за этого» (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 287). По сути, мы увидим, что

изменения в субъективной позиции аутичного человека подразумевают необходимую мобилизацию его наслаждения.

UM OBJETO NO ESPELHO

Voltemos, agora, às coisas que Williams admite ter resguardado da “nova lógica material” introduzida pelo Dr. Marek: três objetos que permaneceriam fora dela. Três objetos que o simbólico não seria capaz de tragar. Assim como o Outro de síntese não parece chegar a uma regulação plenamente satisfatória do gozo, não teria ele sucesso em impor totalmente sua ordem ao imaginário? Quais são os objetos que ela tenta manter apartados da terrível regra segundo a qual, “para pensar ou para sentir, uma coisa deve de ter um sistema nervoso”? Quais são esses objetos que, apesar de tudo, deveriam conservar algo do gozo do vivo? Seus companheiros de viagem, “duas pelúcias batizadas Urso Orsi [Ours Orsi] e Cão Viajante [Chien Voyageur]”, bem como essa coisa particularmente investida constituída por seu “reflexo” (WILLIAMS, 1996, p. 99). Ela esclarece que o Urso Orsi nunca rugiu, e que o Cão Viajante nunca latiu: são objetos familiares, pelúcias com as quais ela fala. Não são duplos vivos: Willie e Carol, seus amigos imaginários, foram desintegrados (ou, talvez, se interroga ela, reintegrados?). Ela admitiu suas capacidades e voltou para essas duas pelúcias a afeição que antes lhes dedicava (WILLIAMS, 1996, p.119). Resta “seu reflexo”, que ela percebe não como uma imagem, mas como um ser escópico. Em sua infância, quando nada a impelia a sair de seu mundo protegido, apenas um candidato lhe parecia aceitável para ajudá-la a abrir-se ao Outro mundo: seu reflexo, que ela tentava encontrar no mundo do espelho. “Eu o olhava nos olhos. Tentava tocar seus cabelos. Em seguida, falava com ele. Mas ele permanecia para todo o sempre do outro lado, e eu não podia penetrar lá. [...] A lógica dizia que meu reflexo não me acompanhava, mas a percepção desse outro eu vivo [mobil] desafiava a lógica. Os dois não se anulavam, e eu não podia reconciliá-los. (WILLIAMS, 1996, p.16 e 99)

Compreendamos bem: a lógica lhe diz que um reflexo não é um objeto - ela sabe que não é uma presença autêntica -, mas sua compreensão intelectual é impotente: alguma coisa transborda, de tal modo que lhe impõe perceber o fenômeno de uma outra forma - seu reflexo é um ser vivo. O trato do Outro fracassa, nesse ponto, em se sobrepor ao gozo. Williams é dividida entre seu intelecto, por um lado - que lhe assegura que o reflexo é uma luz refletida no espelho - e, por outro lado, seu gozo - que comanda sua percepção, subverte seu intelecto e confere vida à imagem.

A presença do vivo em sua imagem é uma constante dos espelhos de Williams. É possível, assim constataremos, distinguir três deles. Em cada um se mostram modificações discerníveis de sua posição subjetiva: elas são orientadas por uma lenta integração dos duplos.

ОБЪЕКТ В ЗЕРКАЛЕ

Давайте теперь вернемся к вещам, которые, по признанию Уильямс, были спасены от «новой материальной логики», введенной доктором Марек: три объекта, которые останутся за ее пределами. Три объекта, которые символическое не смогло бы проглотить. Точно так же, как синтез Другого, по-видимому, не достигает полностью удовлетворительного регулирования наслаждения, не сможет ли он полностью навязать свой порядок воображаемому? Какие объекты она пытается удержать в стороне от ужасного правила, согласно которому «вещь, чтобы думать или чувствовать, должна иметь нервную систему»? Что это за объекты, которые, несмотря ни на что, должны сохранять

что-то от наслаждения живым? Ее спутники по путешествию, «два плюшевых животных по имени Орс Орси* [Ours Orsi (фр.) – медведь Орси] и Щьен Вояжёр [Chien Voyageur (фр.) – Собака путешественница (Странствующая Собака)]», а также эта особо инвестированная вещь, состоящая из ее «отражения» (УИЛЬЯМС, 1996, с. 99).

Она уточняет, что Медведь Орси никогда не ревел, а Странствующая Собака никогда не лаяла: это знакомые предметы, мягкие игрушки, с которыми она разговаривает. Они не живые двойники: Вилли и Кэрл, ее воображаемые друзья, распались (или, может быть, думает она, воссоединились?). Она признала свои способности и вернула этим двум мягким животным любовь, которую когда-то даровала им (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 119). Остается «ее отражение», которое она воспринимает не как образ, а как скопическое существо. В детстве, когда ничто не заставляло ее покидать свой защищенный мир, ей казался приемлемым только один кандидат, который поможет ей открыться иному миру: свое отражение, которое она пыталась найти в зеркальном мире. «Я смотрела в его глаза. Я пыталась коснуться его волос. Потом я говорила с ним. Но оно навсегда оставалось по ту сторону, и я не могла проникнуть туда. [Логика говорила, что мое отражение не сопровождает меня, но восприятие этого другого живого Я [mobil(фр.) - мобильный] не поддавалось логике. Эти два понятия не отменяли друг друга, и я не могла их примирить" (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 16 и 99)

Давайте хорошенько разберемся: логика подсказывает ей, что отражение не является объектом — она знает, что это не подлинное присутствие, — но ее интеллектуальное понимание бессильно: что-то переполняет ее так, что заставляет ее воспринимать явление по-другому - ее отражение - живое существо. Обращение (отношения, сделка) с большим Другим в этот момент не может преодолеть наслаждение. Уильямс разделена между своим интеллектом, с одной стороны, который убеждает ее, что отражение — это свет, отраженный в зеркале, и, с другой стороны, ее наслаждением, которое управляет ее восприятием, подрывает ее интеллект и дает жизнь образу.

Присутствие живого в ее образе является постоянным в зеркалах Уильямс. Можно, как мы видим, выделить три из них. В каждом проявляются различные модификации ее субъективной позиции: они руководствуются медленной интеграцией двойников.

No primeiro espelho a imagem de Carol habita o reflexo. “Derivada de uma criança que encontrei num parque”, relata Williams, “Carol se via em meu reflexo” (WILLIAMS, 1996, p.18). Ela se sentia compreendida e segura em sua companhia, a tal ponto que procurava entrar no mundo do espelho para se juntar a ela, reiterando muitas vezes suas tentativas de atravessar o vidro. É por volta da idade de cinco anos, alguns meses depois do encontro, que Donna decidiu nomear-se interiormente como Carol.

Essa captura transativista através de uma garotinha simpática que havia se interessado por ela pode produzir-se com outras pessoas. Na sua infância, quando seu irmãozinho Tom gritava e chorava, “era o seu rosto”, escreve ela, “meu próprio espelho, que havia gritado; eu mesma, portanto”. Ela tentava protegê-lo colocando as mãos sobre a boca e o braço sobre os ouvidos, a fim de que não gritasse mais; sentia nas mãos, então, suas lágrimas e seu nariz escorrendo. “Meus olhos”, aponta ela, “permaneciam secos, pois era ele que estava se encarregando de sentir minhas emoções; ele que tinha a benevolência de expressá-las em meu lugar.” (WILLIAMS, 1992, p. 67).

O gozo do sujeito descarregado [rejeté] no espelho é uma constante do autismo, tão freqüentemente observada na cena da criança que pega a mão do adulto para fazer com que efetue uma ação manifesta - quando a escrita no computador não é possível ao autista senão em contato com o “facilitador”; discernível, também, quando o sujeito anima-se se agarrando a um objeto autístico, do qual Tustin havia notado que participava do duplo. Com isso, se se entende por borda autística um espelho plano que protege o sujeito do gozo do Outro¹⁰, a fórmula de Eric Laurent, segundo a qual no autismo o gozo retorna sobre uma borda¹¹, circunscreve notavelmente um elemento essencial da estrutura autística. Ela a diferencia da síndrome esquizofrênica (em que o gozo retorna no corpo) e da síndrome paranóica (em que ele retorna no Outro).

No primeiro espelho de Williams. os duplos estão acondicionados: por detrás da imagem de Carol, esconde-se uma representação simbólica de Donna - um duplo não humano, um gatinho perdido, que representa, diz ela, seu “eu [moi] indefeso” (WILLIAMS, 1992, p.261).

O duplo animal ou mecânico ilustra uma posição subjetiva na qual o autista permanece fechado num mundo onde os outros têm pouco lugar, e no qual ele se vê frágil. Peter passa vários anos de sua infância a se considerar um gatinho e a desenvolver um ponto de competência sobre seus animais. Ele experimentou, relata Rothenberg, “uma necessidade irresistível de conhecer gatos, de vê-los, de carregá-los nos braços, de se comunicar com eles, de ele próprio se tornar um gato. Durante os quatro primeiros anos a partir de quando o conheci, prossegue ela, ele passava mais ou menos metade de seu tempo (tanto de noite, quanto de dia) à procura de seus animais; ele ficava muito excitado [...] Quando conseguia agarrar um, seu rosto ganhava uma expressão estranha, feito uma mistura de excitação, terror, prazer e cólera. Apertava bem forte o animal contra si, como se tivesse medo de que ele escapasse; teríamos dito que havia, enfim, encontrado algo que há muito tempo havia perdido, e que tudo o que queria era unir-se [faire un] a ele. Ao mesmo tempo, tínhamos a impressão de que queria destruí-lo e, talvez, fazer-se destruir por ele, deixar-se absorver, fundir-se nele.

O sujeito encontra-se numa relação de dependência com um duplo animal - ou mecânico - de modo que ele não é apenas uma proteção, mas também um objeto ameaçador, que vela a muito custo o Outro que goza [jouis seur]. Entretanto, antes que Rothenberg chegue a se fazer reconhecer como duplo, o gato tinha sido a única relação “segura”, sem perigo, que Peter tinha conhecido; esse animal representava, escreve ela, “o intermediário garantido entre ele e o mundo que o cerca - a vida” (ROTHENBERG, 1979, p.265-267).

No que concerne a Williams, por detrás da imagem de Carol, só a do gato adquiriu a mesma consistência para Peter. Quando, num momento de angústia, Carol se apaga no espelho, “sua própria face” surge aterrorizada - a face de Donna, que perde o juízo, corta os pulsos (WILLIAMS, 1992, p.149). Seu outro duplo, Willie, intervém, então - mas este não é especular, é um garoto combativo, um manual escolar ambulante, mais ancorado no Outro de síntese do que na imagem. Quando nenhum duplo se interpõe entre o sujeito e o Outro, o ser de Williams se desvela, mas não um animal, e sim um “espectro, [...] um cadáver vivo.”

Mais tarde, retornando aos lugares de sua infância, ela encontra uma inscrição no muro de uma cabana, traçada quando tinha seis anos, numa época em que ainda não utilizava o “Eu” [je]: “Donna é maluca”. Se o sujeito autista não chega a recorrer ao duplo para se proteger, fica na posição de objeto do gozo do Outro. Ele se vê, então, incitado a automutilar-se, a quebrar, a urrar; na melhor das hipóteses, a recorrer a comportamentos “auto-sensuais”. É por isso que convém não retirar dele seu objeto autístico, que também é seu duplo.

Se Sellin (1994, p.190) não chega a falar, é porque ela se encontra aquém de todo espelho: “procuro me reconhecer no espelho exasperando a segurança / quero me olhar mas não ousar / eu vejo aí todos os medos do autismo / aquele que demole voluntariamente as coisas¹². Ele espera poder, um dia, enxergar-se aí, mas testemunha uma posição subjetiva na qual está identificado ao objeto a, ele se vê

como um detrito: “o idiota, o desorientado, o biruta, o neandertal”, apenas esse objeto de horror poderia aparecer-lhe no espelho - é por isso que ele se vira. Em razão da ausência da imagem do duplo, ele não está em condições de dar um alicerce para sua enunciação; ora, o autista precisa de uma identificação imaginária transativista para falar. O duplo que o protege do gozo do Outro está, para Sellin, encarnado em objetos concretos. Daí a necessidade de que seu braço esteja realmente conectado a um «facilitador» para que possa encontrar energia para escrever. Sabe-se que se trata de uma constante notável da “comunicação facilitada” com os autistas.

Um dos duplos de Williams, Carol, entrava no seu quarto pelo espelho. Assemelhava-se a ela traço por traço. Uma ínfima diferença as distinguia: “apenas o brilho [éclat] de seu olhar traía sua identidade”. O olhar de Carol não abre para um abismo, o da subjetividade inapreensível da moça encontrada no parque, mas sim para um objeto suplementar, discernido em um “brilho”. “Era Carol pura e simplesmente que eu via lá, afirma Williams. Comecei a falar com ela e ela me imitou. Isso me enraivecia, e eu lhe explicava que ela não precisava se divertir com isso, já que estávamos sozinhas. Passando adiante, ela começou a fazer tudo o que eu fazia. Eu perguntava o porquê, ela me devolvia a pergunta. Acabei por concluir que a resposta deveria ser um segredo [...] quando eu não encarava o espelho, ela desaparecia, e eu me sentia abandonada. Quando eu me voltava direto pro espelho, ela retornava, e eu tentava olhar atrás para ver se ela havia saído pela porta que percebia no plano-de-fundo. Por fim, aquela não era a porta que dava para o quarto do meu irmão, mas sim da sua casa. Quanto ao cômodo que via no espelho, ele era o lugar que servia de intermediário entre o seu mundo e o meu. Entendi, então, o segredo. Bastava que eu penetrasse nesse cômodo de transição para poder ficar com ela e chegar ao mundo dela. Restava um último enigma: como entrar no espelho? Eu tinha me dito que devia avançar direto para o espelho, se, porventura, quisesse entrar nesse cômodo. Foi o que fiquei tentando fazer os quatro anos seguintes¹³. Ia direto para dentro, e a cada vez me perguntava por que é que eu nunca chegava a passar através dele. (WILLIAMS, 1992, p.30-40)

В первом зеркале образ Кэрол обитает в отражении. «Происходит от ребенка, которого я встретила в парке, — сообщает Уильямс, — Кэрол увидела себя в моем отражении» (УИЛЬЯМС, 1996, стр. 18). Она чувствовала себя понятой и защищенной в ее компании, до такой степени, что пыталась войти в зеркальный мир, чтобы присоединиться к ней, неоднократно повторяя свои попытки пробить стекло. Примерно в возрасте пяти лет, через несколько месяцев после встречи, Донна решает внутренне назвать себя Кэрол.

Этот транзитивистский захват через милую девочку, которая заинтересовалась ею, может быть произведен с другими людьми. В ее детстве, когда ее младший брат Том кричал и плакал, “это было его лицо, - пишет она, - мое собственное зеркало, которое кричало; следовательно, я сама”. Она пыталась защитить его, положив руки на рот, а руку на уши, чтобы он больше не кричал; затем она почувствовала в руках его слезы и насморк. «Мои глаза, — отмечает она, — оставались сухими, поскольку именно он отвечал за восприятие моих эмоций; тот, кто имел благосклонность выразить их вместо меня». (УИЛЬЯМС, 1992, стр. 67).

Наслаждение субъекта, разряженного [rejeté (фр.) - отвергнутый] в зеркале, является константой аутизма, столь часто наблюдаемой в сцене ребенка, который берет взрослого за руку, чтобы заставить его совершить явное действие, когда писать на компьютере для аутиста невозможно, кроме как при контакте с «фасилитатором»; также заметно, когда субъект оживляется, цепляясь за аутичный объект, который, как заметил Тастин, участвовал в двойном. Таким образом, если аутистическую грань понимать, как плоское зеркало, защищающее субъекта от наслаждения Другого, формула Эрика Лорана, согласно которой при аутизме наслаждение возвращается на край (то есть в первую

очередь к аутичным объектам), замечательно очерчивает существенный элемент аутичной структуры. Он отличает его от шизофренического синдрома (при котором наслаждение возвращается в тело) и от параноидального синдрома (при котором оно возвращается в Другого).

В первом зеркале Уильямс двойник скомпонован: за образом Кэрол скрыто символическое представление Донны — нечеловеческий двойник, потерянный котенок, который представляет, по ее словам, ее «беззащитное я [moi]» (УИЛЬЯМС, 1992, стр. 261).

Животный или механический двойник иллюстрирует субъективное положение, в котором аутист остается закрытым в мире, где другим мало места, и в котором он считает себя хрупким. Питер проводит несколько лет своего детства, думая о себе как о котенке и развивая свою компетентность в отношении своих животных. Он экспериментировал, сообщает Ротенберг: непреодолимая потребность встречать кошек, видеть их, носить на руках, общаться с ними, самому стать котом. В течение первых четырех лет после того, как я узнала его, продолжает она, он тратил примерно половину своего времени (и днем, и ночью) на поиски своих животных; он был очень взволнован [...] Когда ему удалось схватить одну, его лицо приняло странное выражение, похожее на смесь волнения, ужаса, удовольствия и гнева. Он крепко прижимал животное к себе, словно боялся, что оно убежит; мы бы сказали, что он наконец нашел то, что давно потерял, и что все, что он хотел, это присоединиться к нему [faire un(фр.) – заключить сделку]. В то же время у нас сложилось впечатление, что он хотел ее разрушить и, быть может, разрушить ею самого себя, позволить себе поглотиться, слиться с ней.

Субъект оказывается в отношениях зависимости с животным — или механическим — двойником, так что он является не только защитой, но и угрожающим объектом, который ценой больших затрат скрывает наслаждающегося [jouisseur (фр.) – наслаждающийся] большого Другого. Однако до того, как Ротенберг удалось добиться признания себя двойником, кошка была единственной «безопасной» связью, без опасности, которую знал Питер; это животное представляло, пишет она, «гарантированного посредника между ним и окружающим его миром — жизнью» (РОТЕНБЕРГ, 1979, с. 265-267).

Что касается Уильямс, то образ Кэрол приобрел для нее ту же состоятельность, что и образ кота для Питера. Когда в момент тоски Кэрол стирает себя в зеркале, в ужасе предстает «ее собственное лицо» — лицо Донны, которая теряет рассудок, режет себе запястья (УИЛЬЯМС, 1992, с.149). Затем вмести